



**Universidade
Tuiuti do
Paraná**

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ

MESTRADO EM PSICOLOGIA

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PSICOLOGIA FORENSE

ISADORA FERREIRA PRIMO MOREIRA

**ESCALA DE POLIDEZ INFANTIL: ELABORAÇÃO E VALIDAÇÃO DE UM
INSTRUMENTO DE MEDIDA**

CURITIBA

2018

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ
MESTRADO EM PSICOLOGIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO PSICOLOGIA FORENSE

ISADORA FERREIRA PRIMO MOREIRA

**ESCALA DE POLIDEZ INFANTIL: ELABORAÇÃO E VALIDAÇÃO DE UM
INSTRUMENTO DE MEDIDA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná como requisito necessário para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Forense
Linha de Pesquisa: Avaliação e Clínica Forense

Orientadora: Prof. Dra. Paula Inez Cunha Gomide

CURITIBA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na fonte
Biblioteca "Sydnei Antonio Rangel Santos"
Universidade Tuiuti do Paraná

M835 Moreira, Isadora Ferreira Primo.

Escala de polidez infantil: elaboração e validação de um
instrumento de medida / Isadora Ferreira Primo Moreira;
orientadora Prof.^a Dr.^a Paula Inez Cunha Gomide.

74f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Tuiuti do Paraná,
Curitiba, 2017.

1. Evidência de validade. 2. Parâmetros psicométricos.
3. Polidez. 4. Vinhetas. I. Dissertação (Mestrado) – Programa
de Pós-Graduação em Psicologia/ Mestrado em Psicologia.
- II. Título.

CDD – 155.4

Bibliotecária responsável: Heloisa Jacques da Silva – CRB 9/1212

TERMO DE APROVAÇÃO

ISADORA FERREIRA PRIMO MOREIRA

ESCALA DE POLIDEZ INFANTIL: ELABORAÇÃO E VALIDAÇÃO DE UM INSTRUMENTO DE MEDIDA

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Psicologia – área de concentração: Psicologia Forense, para obtenção do título de Mestre em Psicologia, da Universidade Tuiuti do Paraná.

Banca examinadora

Professora Doutora Paula Inez Cunha Gomide (Orientadora)

Instituição: Universidade Tuiuti do Paraná.

Assinatura _____

Professor Doutor Plinio Marco de Toni

Instituição: Universidade Estadual do Centro-Oeste

Assinatura _____

Professor Doutor Murilo Ricardo Zibetti

Instituição: Universidade Tuiuti do Paraná

Assinatura _____

Curitiba, 31 de janeiro de 2018

“Quando refletirem sobre este ano, quero que vejam onde estão agora, e onde estiveram antes. Todos ficaram um pouco mais altos, um pouco mais fortes, um pouco mais inteligentes (...), mas a melhor maneira de medir quanto vocês cresceram não é por centímetros, nem por quantas voltas conseguem dar na pista, ou mesmo por sua média de notas, embora essas coisas, sem dúvida, sejam importantes. A melhor medida é o que vocês fizeram com o seu tempo, como escolheram passar os dias e quem cativaram. (...) Em um outro livro de J. M. Barrie, chamado *O pequeno pássaro branco*, ele escreve... “Vamos criar uma nova regra de vida: sempre tentar ser um pouco mais gentil que o necessário”. Que frase maravilhosa, não é? Mais gentil que o necessário. Porque não basta ser gentil. Devemos ser mais gentis do que precisamos. Adoro essa frase, essa ideia, porque ela me lembra que carregamos conosco, como seres humanos, não apenas a capacidade de ser gentil, mas a opção pela gentileza. (...) Uma coisa tão simples, a gentileza. Tão simples. Uma palavra de incentivo quando precisamos. Um gesto de amizade. Um sorriso breve. (...) Se cada pessoa tomar por regra que, onde quer que esteja, sempre que puder, será um pouquinho mais gentil que o necessário, o mundo realmente será um lugar melhor.”

R. J. Palacio

AGRADECIMENTOS

Colocar palavras nesta sessão é a tarefa mais difícil da dissertação. À medida que escrevo, recordo de muitos sentimentos vividos em todo o caminho que percorri: o fascínio pela pesquisa e pela docência, desde a graduação; a felicidade, quando fui aceita no programa; o cansaço, produzido pelos mil quilômetros semanais viajados; a realização, causada pelas descobertas a cada aula e a cada etapa da pesquisa; e a gratidão - o maior sentimento de todos -, às pessoas especiais que tornaram esse caminho mais leve, gentil e doce com as suas companhias.

Mãe e pai, obrigada por me incentivarem, desde muito cedo, a me arriscar e a conquistar; por serem modelos de coragem, e por me apoiarem incondicionalmente. Obrigada por me ensinarem que o que dá sentido à família e à vida é o amor. Henrique, obrigada pelos teus abraços de urso mais quentinhos e aconchegantes do mundo.

Ju, eu precisaria de uma dissertação inteira para descrever a minha gratidão a você. Obrigada por ler cada capítulo, cada artigo, e cada versão deste trabalho. Por comemorar comigo as minhas, as tuas e as nossas realizações. Por me mostrar o lado bom da vida, todos os dias. Por ser continente a cada insegurança; e por ser calmaria em meio às minhas turbulências. Muito obrigada, amor, pela raridade da nossa sintonia.

Às amizades que o mestrado me presenteou: Lu, Anna e Meg, obrigada por compartilharem e me permitirem compartilhar dúvidas, receios e expectativas. Fabíola, Fabiana, Michele, Helena, Roberto, Péricles e Paulo, obrigada por serem a turma com “cara de séria” mais alegre que já conheci. Agradeço por serem gentis a ponto de me fazerem sentir que Curitiba era minha segunda casa.

Professora Paula Inez Cunha Gomide, eu a admirava antes mesmo de conhecê-la pessoalmente. Lia seus artigos, livros, e a considerava uma referência profissional. Ser

sua orientanda foi um presente, e, além de confirmar minha admiração, a aumentou. Embora agradecer-lhe com palavras pareça insuficiente, registro aqui minha sincera gratidão por me ensinar sobre pesquisa, sobre ciência, sobre docência, e sobre a importância da gentileza.

Professor Murilo Ricardo Zibetti, que honra ter tido a oportunidade de aprender contigo um pouquinho sobre o universo complexo da psicométrica. Obrigada por tornar possível a compreensão dos números, dos dados e dos resultados. E, sobretudo, obrigada pela tua atenção, paciência e empatia.

Professores(as) Gabriela Reyes Ormeno, Maria da Graça Saldanha Padilha, Giovana Veloso Munhoz da Rocha, Ana Carolina Braz, Dhayana Inthamoussu Veiga, Sérgio Said Staut Júnior, Susane Martins Lopes Garrido e Maria Cristina Borges da Silva, muito obrigada por exercerem lindamente o papel da docência, e despertarem minha paixão pela psicologia forense. Professor Alexandre Dittrich, agradeço enormemente por sua presença na banca de qualificação e pelas ricas contribuições a este trabalho. Professor Plínio Marco de Toni, obrigada pela prontidão em aceitar o convite para compor a banca de defesa, é uma alegria imensa contar com a sua participação.

Angela, Graci, Gabi, Ana, Dani, Jaque, Talita e Halle, obrigada pela amizade singular de cada um; por compreenderem a agitação dos últimos dois anos, por emprestarem ouvidos atentos e oferecerem conselhos sinceros.

Tia Selma, minha gratidão transborda todas as vezes que penso no quanto muitos dos meus sonhos se tornaram realidade porque você confiou em mim. Obrigada pelo teu cuidado e pelo teu apoio. Me inspiro em você.

Nádia, Sárvia, Jackeline e Elaise: obrigada por serem auxiliares de pesquisa sensacionais! Os resultados deste trabalho são conquistas de todas nós. Agradeço por abraçarem a proposta da pesquisa desde o início, pelo empenho e dedicação de cada uma.

Mário, Maiara, Máiron, Murilo e Natália, obrigada por me ensinarem que amor não se divide, se multiplica! Obrigada por me acolherem a cada viagem, e fazerem parte da minha grande família.

Alessandra Melania Gressana Vivan e Russélia Vanila Godoy, que carinho enorme eu sinto por vocês! Mais do que serem exemplos de docentes, profissionais e terapeutas, vocês me ensinaram que relações gentis envolvem consciência, coragem e amor.

Disse Antoine de Saint-Exupéry: “Aqueles que passam por nós não vão sózinhos, não nos deixam sózinhos. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós”. À vida, e aos encontros com os quais a vida me presenteou: obrigada!

RESUMO

Moreira, I. F. P. **Escala de Polidez Infantil: elaboração e validação de um instrumento de medida.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Forense. Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2018.

A presente dissertação é composta por dois artigos sobre a polidez. A polidez é uma classe de resposta ou conjunto de comportamentos que incluem cumprimentar, despedir-se, agradecer, solicitar um favor, solicitar licença, elogiar e desculpar-se. O primeiro artigo descreve os procedimentos de elaboração e os parâmetros psicométricos da Escala de Polidez Infantil (EPI) em três versões (infantil, para pais/mães, e para professores) em três etapas. Na primeira etapa, elaboraram-se os itens da EPI, sendo que cada uma das versões compôs-se por 14 itens, dispostos em forma de declarativas, respondidos em escala Likert. A segunda etapa consistiu em uma análise semântica, realizada com oito crianças, seus respectivos pais e mães, e três professoras. Todas as declarativas foram consideradas adequadas e não tiveram alterações. Na terceira etapa buscaram-se as evidências de validade da EPI. Foram avaliadas 146 crianças, entre sete e onze anos; 136 mães, 88 pais e 22 professores, que responderam as versões correspondentes da EPI sobre essas crianças. A análise fatorial exploratória das versões respondidas pelos adultos (mães, pais e professores), apresentou dois fatores com relativa estabilidade dos itens e com índices de ajuste adequados. A versão infantil também apresentou dois fatores, porém dois itens não tiveram carga fatorial adequada e foram excluídos da análise. Os resultados são compatíveis com modelo teórico de polidez convencional e polidez moral, caracterizando assim uma evidência de validade baseada na estrutura interna da escala. Além disso, correlacionou-se os resultados da EPI versão infantil com os resultados do Inventário de Estilos Parentais (materno e paterno). Verificou-se correlação positiva de intensidade leve a moderada entre as práticas maternas e paternas de monitoria positiva e comportamento moral e a polidez; e correlação negativa entre práticas paternas de negligência e abuso físico e a polidez. Essa correlação caracteriza uma evidência de validade baseada nas relações com variáveis externas. O segundo artigo analisou as reações de escolares diante de sete vinhetas de impolidez. Foram participantes da pesquisa as mesmas 146 crianças do primeiro estudo, as quais responderam uma entrevista estruturada composta por quatro perguntas para cada vinheta. Os resultados mostraram não haver diferença significativa nas respostas das crianças, considerando a idade, o sexo e a escola (pública ou particular). Averiguou-se que a maioria dos escolares entrevistados reagiu de forma adequada diante de situações de impolidez, externando respostas apropriadas para as situações ilustradas. As respostas foram analisadas qualitativamente e enquadradas em cinco categorias. Houve uma aglutinação na categoria denominada “adequada”, com o total de 91,76% das respostas. A segunda categoria que mais obteve respostas foi “parcialmente adequada” (5,9%), seguida, respectivamente, pelas categorias “justifica a impolidez” (1,22%), “inadequada” (0,97%), e “fora de contexto” (0,15%). Por fim, a maioria dos escolares entrevistados apresentou argumentos empáticos em relação às pessoas que sofreram ações impolidas, sabendo identificar como a pessoa prejudicada na vinheta sentiu-se.

Palavras-chave: evidências de validade, parâmetros psicométricos, polidez, vinhetas.

ABSTRACT

Moreira, I. F. P. **Infant Politeness Scale: Development and validation of a measuring instrument.** Thesis (MA) – Graduate Program in Forensic Psychology, Tuiuti University, Parana State, Curitiba, 2018.

The present dissertation are two scientific articles that have as their theme politeness, which is understood as the set of behaviors: to greet, to say goodbye, to thank, to request please, to request excuse, to praise and to apologize. The first article describes the elaboration procedures and the psychometric parameters of the Child Politeness Scale (EPI) in three versions (children, parents, and teachers) in three stages. In the first stage, the items of the EPI were elaborated, with each version being composed of 14 items, arranged in the form of declarations, answered on a Likert scale. The second stage consisted of a semantic analysis, carried out with eight children, their respective parents and mothers, and three teachers. All statements were considered appropriate and did not change. In the third stage, the evidence of the validity of EPI was sought. A total of 146 children, aged between seven and eleven years old, were evaluated; 136 mothers, 88 fathers and 22 teachers, who answered the corresponding versions of EPI about these children. The exploratory factor analysis of the versions answered by adults (mothers, fathers and teachers) presented two factors with relative stability of the items and with adequate adjustment indexes. The children version also presented two factors, but two items did not have adequate factor load and were excluded of the analysis. The results are compatible with the theoretical model of conventional politeness and moral politeness, characterizing an evidence of validity based on the internal structure of the scale. In addition, the results of the EPI children's version were correlated with the results of the Inventory of Parental Styles (maternal and paternal). There was a positive correlation of mild to moderate intensity between maternal and paternal practices of positive monitoring and moral behavior and politeness; and negative correlation between paternal practices of neglect and physical abuse and politeness. This correlation characterizes evidence of validity based on relationships with external variables. The second article analyzed the reactions of schoolchildren about seven vignettes of impoliteness. The same 146 children from the first study participated in the study, who answered a structured interview composed of four questions for each vignette. The results showed that there was no significant difference in the children's responses, considering age, sex and school (public or private). It was found that most of the students interviewed reacted adequately to situations of impoliteness, expressing appropriate responses to situations illustrated. The responses were qualitatively analyzed and fit into five categories. There was an agglutination in the category called "adequate", with a total of 91.76% of the responses. The second category that received the most answers was "partially adequate" (5.9%), followed respectively by the categories "justifies impurity" (1.22%), "inadequate" (0.97%) and "outside of context" (0.15%). Finally, the majority of schoolchildren interviewed presented empathetic arguments about people who had suffered impolite actions, knowing to identify how the affected person in the vignette felt.

Keywords: evidence of validity, politeness, psychometric parameters, vignettes.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	10
Avaliação dos parâmetros psicométricos da Escala de Polidez Infantil.....	13
Análise de reações de escolares diante de vinhetas de impolidez.....	41

APRESENTAÇÃO

O tema desta dissertação é a polidez, que recorrentemente é tratada como um assunto elitista e superficial, conforme apontam La Taille (2001) e Comte-Sponville (2009). Todavia, estudos têm demonstrado que a polidez, em sua aparente simplicidade, permite que as relações sejam mais harmônicas e gentis; e, além disso, traz consigo a possibilidade de ensinar virtudes mais complexas, como a bondade, a gratidão, a solidariedade e a generosidade, entre outras que compõem o comportamento moral (Gomide, 2010).

Assim, a importância de compreender a polidez reside na repercussão social positiva que a aprendizagem da mesma, desde a infância, pode proporcionar. Incentivar o ensino da polidez nas escolas, em ambientes coletivos, e por meio das práticas parentais pode contribuir para a educação de crianças mais empáticas, solidárias e colaborativas (Gomide 2010; Gomide et al., 2012; Netto, & Gomide, 2016). Atualmente não há no Brasil, tampouco internacionalmente, nenhum teste psicológico validado para mensurar comportamentos de polidez. Portanto, a elaboração e validação de uma escala de polidez infantil justifica-se pela contribuição que a mesma poderá oferecer no planejamento de programas de aprendizagem de comportamento moral.

Esta dissertação é composta por dois artigos. O primeiro artigo contempla a avaliação dos aspectos psicométricos da Escala de Polidez Infantil (EPI), desde a construção dos itens da EPI, a realização da análise semântica, até a análise das evidências de validade do instrumento. O segundo artigo objetivou avaliar as reações de escolares diante de vinhetas de impolidez, realizado a partir de uma entrevista estruturada com 146 crianças, entre sete e 11 anos, utilizando situações as quais ilustravam comportamentos de impolidez. Os artigos, após a defesa da dissertação, serão submetidos para análise: o

primeiro, “Avaliação dos parâmetros psicométricos da Escala de Polidez Infantil”, para a Revista Avaliação Psicológica; e o segundo, “Análise de reações de escolares diante de vinhetas de impolidez”, para a Revista Psicologia Argumento – PUCPR.

Avaliação dos parâmetros psicométricos da Escala de Polidez Infantil

Moreira, I. F. P., Zibetti, M. R., & Gomide, P. I. C. (*em preparo*). Avaliação dos parâmetros psicométricos da Escala de Polidez Infantil.

Avaliação dos parâmetros psicométricos da Escala de Polidez Infantil

Resumo

A polidez contempla comportamentos de cumprimentar, despedir-se, agradecer, solicitar um favor, solicitar licença, elogiar e desculpar-se e tem sido considerada como precursora do comportamento moral e de relações sociais bem-sucedidas. Este estudo objetivou criar e avaliar os parâmetros psicométricos da Escala de Polidez Infantil (EPI). Para isso, foram realizadas três etapas. A primeira etapa consistiu na elaboração dos itens da EPI, que foi construída em três versões: infantil, para pais/mães e para professores. Cada versão foi composta por 14 itens, em forma de declarativas, respondidos em escala Likert. Na segunda etapa realizou-se uma análise semântica com oito crianças, seus respectivos pais e mães, e três professoras. Todos os itens da EPI foram considerados adequados e mantiveram-se sem alterações. Na terceira etapa buscaram-se as evidências de validade da EPI por meio de sua estrutura factorial e de convergência com o estilo parental dos pais. Foram avaliadas 146 crianças, entre sete e onze anos; 136 mães, 88 pais e 22 professores, que responderam as versões correspondentes da EPI sobre essas crianças. A análise factorial exploratória das versões respondidas pelos adultos (mães, pais e professores), apresentou dois fatores com relativa estabilidade dos itens e com índices de ajuste adequados. A versão infantil apresentou os mesmos fatores, porém dois itens não tiveram carga factorial adequada e foram retirados da análise. Os resultados são pertinentes com modelo teórico de polidez convencional e polidez moral, caracterizando assim uma evidência de validade baseada na estrutura interna da escala. Por fim, correlacionou-se os resultados da EPI versão infantil com os resultados do Inventário de Estilos Parentais (materno e paterno). Conforme a hipótese foi verificada correlação positiva de intensidade leve a moderada entre as práticas maternas e paternas de monitoria positiva e comportamento moral, e a polidez; e correlação negativa entre práticas paternas de negligência e abuso físico, e a polidez. Essa correlação caracteriza uma evidência de validade baseada nas relações com variáveis externas.

Palavras-chave: Avaliação Psicológica, Escala de Polidez Infantil, Evidências de Validade, Parâmetros Psicométricos, Polidez.

Abstract

Politeness contemplates behaviors of to greet, to say goodbye, to thank, to request please, to request excuse, to praise and to apologize, and has been regarded as a precursor to moral behavior and successful social relations. This study aimed to create and evaluate the psychometric parameters of the Infant Politeness Scale (EPI). For this, three steps were performed. The first stage consisted of the elaboration of the items of the EPI, which was built in three versions: infant, for parents and for teachers. Each version was composed by 14 items, in the form of declaratives, answered on a Likert scale. In the second stage a semantic analysis was carried out with eight children, their respective parents and three teachers. All EPI items were considered adequate and remained unchanged. In the third step we sought evidence of the validity of PPE through its factorial structure and convergence with the parental style of the parents. A total of 146 children, aged between seven and eleven, were evaluated; 136 mothers, 88 fathers and 22 teachers,

who answered the corresponding versions of EPI on these children, participated. The exploratory factor analysis of the versions answered by adults (mothers, fathers and teachers) presented two factors with relative stability of the items and with adequate adjustment indexes. The infant's version presented the same factors, but two items did not have adequate factor load and were removed from the analysis. The results are pertinent with a theoretical model of conventional politeness and moral politeness, thus characterizing evidence of validity based on the internal structure of the scale. Finally, the results of the EPI infant version were correlated with the results of the Inventory of Parenting Styles (maternal and paternal). According to the hypothesis, there was a positive correlation of mild to moderate intensity between maternal and paternal practices of positive monitoring and moral behavior, and politeness; and negative correlation between paternal practices of neglect and physical abuse, and politeness. This correlation characterizes evidence of validity based on relations with external variables.

Keywords: Evidence of Validity, Infant Polity Scale, Politeness, Psychological Evaluation, Psychometric Parameters.

Desde os primeiros dias de vida os seres humanos aprendem formas de relacionar-se consigo mesmo e com outras pessoas, de acordo com as contingências nas quais estão inseridos, com os modelos que observam e com as regras que seguem (Gehm, 2013). As interações entre o indivíduo e seu ambiente contribuem para a formação de um padrão de comportamento, que pode ser moral ou antissocial. Os comportamentos antissociais incluem respostas de agressividade, como ameaças, xingamentos, humilhação, tapas, socos, espancamento e utilização de instrumentos com o objetivo de ferir, que podem comprometer as relações (Del Prette, & Del Prette, 2008). Já o comportamento moral abrange respostas como oferecer ajuda, ser polido, conversar, demonstrar empatia, cooperar, respeitar, entre outros, e tem como função contribuir com a qualidade e efetividade das relações (Gomide, 2010).

O comportamento moral pode ser considerado como inibidor do comportamento antissocial (Gomide, 2010; Gomide, Mascarenhas, & Rocha, 2017); contudo, os bebês não têm moral, tampouco as crianças, até certa idade. A moral é aprendida, assim como a maior parte dos comportamentos e, uma das formas de ensiná-la, é por meio da polidez (Comte-Sponville, 2009; Gomide, 2010; La Taille, 2001). Define-se polidez como uma

classe de comportamentos que abrange as subclasses de cumprimentar, despedir-se, agradecer, solicitar um favor, solicitar licença, elogiar e desculpar-se (Comte-Sponville, 2009; Gomide et al., 2012; La Taille, 2001). A polidez é aprendida e reforçada no repertório infantil, sobretudo por meio das práticas parentais positivas (Dishion, & Mcmahon, 1998; Falcke, Rosa, & Steigleder, 2012; Gomide, 2006; Patias, Siqueira, & Dias, 2012, 2013; Stattin, & Kerr, 2000) e das interações no ambiente escolar (Löhr, 2003; Melo, 2003).

Tsakona (2016) aponta que crianças com três anos já exibem alguns padrões de polidez em seu discurso. No momento em que atingem a idade pré-escolar parecem ser capazes de ajustar a delicadeza de seu discurso a cada contexto, mesmo que tais habilidades possam ainda não ser idênticas às dos adultos. Posteriormente, o ensino de línguas no jardim de infância estabelece não só a entrada das crianças no mundo da leitura e da escrita, mas também pode melhorar suas habilidades orais por meio do incentivo da interação para resolver problemas, ou por meio da participação de atividades de classe onde o discurso oral é usado, proporcionando oportunidades para expressar e discutir ideias e emoções. Neste sentido, familiarizar as crianças com a polidez pode contribuir para o desenvolvimento da solidariedade e de ações que favoreçam a ocorrência de sentimentos subjacentes à moral, como a empatia e a generosidade.

A polidez é considerada por Comte-Sponville (2009) como a porta de entrada das virtudes. Todavia, é designada como uma pré-virtude, pois uma virtude não poderia ser a origem de outras. Ou seja, a polidez é um dos primeiros conjuntos de comportamentos ensinados às crianças em tenra idade, que denota regras de um bom convívio social, mas que pouco valor moral tem em si mesma. Se uma criança aprende a dizer “obrigado”, por exemplo, não significa que tenha aprendido o que é gratidão. Contudo, tal ensinamento pode favorecer a exposição da criança às contingências que

produzam respondentes como a gratidão e respeito por quem lhe auxiliou; da mesma forma, ensinar uma criança a desculpar-se pode favorecer a ocorrência do sentimento de culpa e, posteriormente, do comportamento de reparação de dano.

No início, a polidez é uma norma, uma regra verbal, portanto, não tem valor moral. Contudo, mesmo que a polidez seja superficial e discutível, esta faz parte da aprendizagem do comportamento moral e, compreendê-la a partir da perspectiva do universo infantil, pode ser útil para a compreensão da moral como um todo. Conforme Comte-Sponville (2009) a polidez é uma simples pré-virtude, mas que pode favorecer o aprendizado de importantes virtudes.

Gomide (2010) denomina de polidez convencional, a polidez que possui apenas a estética como função. Esta forma de polidez diz respeito a comportamentos verbais emitidos (agradecer, cumprimentar, pedir licença, etc.) os quais não são necessariamente sinceros, mas que, ainda assim facilitam as relações. A polidez convencional é mantida por reforçamento arbitrário, geralmente proveniente do reforço social dos pais. É quando a criança cumprimenta alguém porque os pais solicitaram, e posteriormente elogiaram. Contudo, a autora elenca ainda a polidez moral, a qual está relacionada aos comportamentos de polidez que expressam respeito. É mantida por reforçamento natural, quando as consequências da própria interação social, - e não mais dos pais -, passam a aumentar a probabilidade do comportamento. É quando a criança cumprimenta alguém, e desta forma produz relações agradáveis, de modo que, sendo impolida não produziria. É difícil distinguir ambas, haja vista serem semelhantes em topografia, mas diferenciadas pelas consequências que produzem, as quais nem sempre ficam explícitas por meio de observação.

Desta feita, por meio dos modelos expressos nas práticas parentais, e, posteriormente, no contexto escolar e com os pares, a criança interage com o ambiente e

aprende formas de conviver. Assim, se a criança está inserida em um ambiente que produz relações positivas e permeadas por afeto, a probabilidade de aprender repertórios prossociais aumenta. O contrário também é válido: se as relações forem coercitivas, maior a probabilidade de que as crianças desenvolvam repertórios antissociais (Skinner, 1974/2006).

Apesar de alguns instrumentos avaliarem construtos próximos a polidez, como a gentileza (Bin fet, Gadermann, & Schonert-Reichl, 2016), a busca bibliográfica realizada para este artigo não encontrou qualquer teste no Brasil, tampouco internacional, que possua o objetivo de mensurar comportamentos de polidez. Portanto, a elaboração e validação de uma escala de polidez infantil justifica-se pela contribuição que a mesma poderá oferecer no planejamento de programas de aprendizagem de comportamento moral. Assim, pode-se planejar a implementação de ações que visem o desenvolvimento de repertórios comportamentais deficitários, ou seja, a promoção de programas de prevenção e intervenção, visando o desenvolvimento do comportamento moral e a redução de comportamentos antissociais (Del Prette & Del Prette, 2008; Gomide, 2010; Patterson, Reid, & Dishion, 1992).

Nesse sentido, o presente estudo teve por objetivo elaborar itens de uma Escala de Polidez Infantil (EPI) em três versões: respondidas pela própria criança, pelos seus pais e pelos seus professores. Além disso, o estudo visou a investigação da precisão e a obtenção de evidências de validade das três versões do instrumento. Para contemplar esses objetivos a descrição do método e os resultados serão apresentados em três etapas: A) Criação dos itens da EPI; B) Análise Semântica, C) Obtenção de evidências de validade da EPI por meio da sua estrutura interna e correlação com variáveis externas como as práticas parentais dos pais.

Etapa A: Construção dos Itens da EPI

A elaboração dos itens da EPI pautou-se na definição de polidez como sendo uma classe de respostas que abrange os comportamentos verbais de cumprimentar, agradecer, solicitar um favor, solicitar licença, desculpar-se, despedir-se e elogiar. A elaboração e seleção dos comportamentos que compuseram os itens da escala foram baseados nos seguintes autores: Comte-Sponville (2009), Del Prette e Del Prette (2008), Gomide (2010), Gomide et al. (2012), Netto e Gomide (2016), Falcão e Bolsoni-Silva (2016). Particularmente, os cinco primeiros comportamentos foram selecionados considerando as virtudes relacionadas ao desenvolvimento do comportamento moral (Gomide, 2010). Para os comportamentos supracitados, utilizou-se a operacionalização relativa à observação de comportamentos de polidez em sala de aula em estudo conduzido por Gomide et al. (2012). Já os comportamentos de despedir-se e elogiar foram incluídos na definição de polidez do presente estudo uma vez que Falcão e Bolsoni-Silva (2016) atribuem a ambos a função de civilidade, que é uma das funções da polidez.

Os comportamentos de polidez dispostos nas declarativas foram: 1) cumprimentar; 2) despedir-se; 3) solicitar um favor; 4) desculpar-se; 5) elogiar; 6) agradecer; e 7) solicitar licença. A partir desses comportamentos foram elaborados 14 itens expressos na forma de declarativas que representavam comportamentos indicativos de polidez, sendo dois itens para cada comportamento. Um dos itens referia-se ao comportamento emitido em relação às pessoas conhecidas, e o outro item ao comportamento emitido em relação à desconhecidos ou pouco próximos. A justificativa para tal distinção reside na compreensão de que a interação com pessoas conhecidas é mais frequente, porém, a habilidade de comportar-se de forma educada com pessoas desconhecidas também constitui uma forma de polidez.

As respostas foram elaboradas em escala do tipo Likert de três pontos (Sempre = 2 pontos; às vezes = 1 ponto; ou nunca = 0 pontos), indicando a frequência dos comportamentos da criança em cada situação descrita. Tais itens pautaram-se nos critérios propostos por Pasquali (1998), ou seja: 1. Clareza: os itens devem ser compreensíveis para os indivíduos da população alvo; 2. Tipicidade: cada assertiva deve ser condizente com o atributo medido; 3. Simplicidade: o item deve expressar uma ideia única, a fim de ser proporcionar entendimento do que está sendo perguntado; 4. Amplitude: o conjunto de itens deve englobar toda extensão de alcance do atributo; 5. Critério comportamental: os itens devem expressar comportamentos e não abstrações. O escore total correspondia à soma final dos pontos, sendo o escore mínimo zero e o máximo 28.

A EPI foi construída em três versões: 1) infantil – as crianças respondem os itens sobre si mesmas; 2) para mães/pais – os responsáveis respondem os itens sobre seus filhos; 3) para professores – os docentes respondem os itens sobre seus alunos. Elaborou-se 14 itens semelhantes para cada versão, de forma que a única diferença entre as versões foi a adequação dos pronomes. Por exemplo, na versão infantil utilizou-se “eu”, na versão para mães/pais utilizou-se “meu filho” e na versão para professores utilizou-se “meu aluno”.

Etapa B: Análise semântica

Participantes

Participaram desta etapa 25 participantes: oito crianças entre seis e 11 anos, sendo três meninas e cinco meninos e suas mães; além dos pais de seis crianças e três professoras, das quais duas lecionavam em escola pública, e uma em escola particular.

Local

A análise semântica foi realizada nas residências dos participantes, em uma cidade de pequeno porte do interior do Paraná e na capital do estado.

Procedimentos

A escala elaborada na etapa I foi aplicada aos participantes que foram escolhidos por conveniência, proximidade e disponibilidade. Os itens da escala foram lidos para os participantes, individualmente. Solicitou-se aos participantes que sinalizassem caso algum item, frase ou palavra estivesse pouco comprehensível, e dessem sugestões para melhorias. Caso houvesse apontamentos os itens iriam ser reformulados posteriormente.

Análise de dados e Resultados

Não houve sugestões para quaisquer itens nem por parte das crianças, de seus pais ou dos professores. Todos os itens foram compreendidos perfeitamente. O formato final da EPI pode ser visualizado na Tabela 1.

Tabela 1*Itens da EPI após análise semântica*

Versão infantil	Versão para mães/pais e professores
1. Quando chego a um lugar, cumprimento as pessoas que conheço, como familiares, amigos e professores, dizendo, por exemplo: oi, bom dia, boa noite, e aí, tudo bem, opa.	1. Expressa cumprimento de formas variadas (“oi”, “e aí”, “bom dia”, “boa tarde”, “boa noite”, “tudo bem?”, “opa”) quando encontra familiares, amigos, professores, colegas.
2. Quando vou embora de algum lugar, me despeço das pessoas conhecidas, como familiares, amigos e professores, dizendo, por exemplo: tchau, até, valeu, falou, bom trabalho, boa aula, bom jogo.	2. Despede-se de familiares, amigos, e professores, de formas variadas (“até”, “tchau”, “valeu”, “falou”, “boa aula”, “bom jogo”, “bom trabalho”), ao ir embora ou sair de um local.
3. Quando esbarro em familiares, amigos e professores, derrubo algo, ou magoo essas pessoas, peço desculpas, dizendo, por exemplo: desculpa, foi sem querer, foi mal.	3. Pede desculpas de formas variadas (“desculpa”, “foi mal”, “foi sem querer”) a amigos, familiares e professores quando esbarra em alguém, derruba algo, ou comporta-se de forma inadequada.
4. Quando familiares, amigos e professores me ajudam com alguma tarefa, ou me fazem um favor, agradeço, dizendo, por exemplo: obrigado, valeu.	4. Agradece familiares, amigos e professores de formas variadas (“obrigado”, “valeu”) quando recebe algo ou tem um pedido atendido.
5. Quando preciso passar e não tem espaço, quando preciso interromper alguém para falar, ou sair de um lugar, peço licença para a minha família, amigos e professores.	5. Pede licença a familiares, amigos e professores para passar, para interromper e falar, para ausentar-se.
6. Faço elogios à minha família, amigos e professores quando gosto de algo que essas pessoas fizeram, dizendo, por exemplo: gostei, parabéns, achei bonito, achei legal.	6. Elogia amigos, familiares e professores quando algo lhe agrada, dizendo, por exemplo: “gostei”, “parabéns”, “achei bonito”, “achei legal.”
7. Quando preciso de ajuda, peço por favor para os meus familiares, amigos ou professores.	7. Pede “por favor” a familiares, amigos e professores quando solicita ajuda.
8. Quando me apresentam alguém que eu não conhecia, cumprimento essa pessoa, dizendo, por exemplo: oi, bom dia, boa noite, e aí, tudo bem.	8. Expressa cumprimento de formas variadas (“oi”, “e aí”, “bom dia”, “boa tarde”, “tudo bem?”, “opa”) quando é apresentado a alguém desconhecido.
9. Quando vou embora de algum lugar, me despeço de pessoas que acabei de conhecer, dizendo, por exemplo: tchau, até, valeu.	9. Despede-se de pessoas que acabou de conhecer de formas variadas (“até”, “tchau”, “valeu”, “falou”), ao ir embora ou sair de um local.
10. Quando esbarro em pessoas que não conheço, derrubo algo, ou magoo essas pessoas, peço desculpas, dizendo, por exemplo: desculpa, foi sem querer, foi mal.	10. Pede desculpas de formas variadas (“desculpa”, “foi mal”, “foi sem querer”) a pessoas desconhecidas quando esbarra em alguém, derruba algo, ou comporta-se de forma inadequada.
11. Quando funcionários, atendentes ou pessoas que não conheço me ajudam em algo ou me fazer um favor, agradeço, dizendo, por exemplo: obrigado, valeu.	11. Agradece pessoas desconhecidas de formas variadas (“obrigado”, “valeu”) quando recebe algo ou tem um pedido atendido.
12. Quando preciso passar e não tem espaço, quando preciso interromper alguém para falar, ou sair de um lugar, peço licença para pessoas que não conheço.	12. Pede licença a pessoas desconhecidas para passar, para interromper e falar, para ausentar-se.
13. Faço elogios à pessoas que não conheço quando gosto de algo que essas pessoas fizeram, dizendo, por exemplo: gostei, parabéns, achei bonito, achei legal.	13. Elogia pessoas pouco próximas (funcionários, atendentes, conhecidos) quando algo lhe agrada, dizendo, por exemplo: “gostei”, “parabéns”, “achei bonito”, “achei legal.”
14. Quando preciso de ajuda, peço por favor a pessoas que não conheço.	14. Pede “por favor” a pessoas desconhecidas ou pouco próximas quando solicita ajuda.

Etapa C: Evidências de validade e precisão da EPI

Participantes

Na terceira etapa da pesquisa participaram 146 crianças entre sete e 11 anos, sendo 38 meninos e 39 meninas estudantes de escola pública, e 36 meninos e 33 meninas estudantes de escola privada. Participaram ainda as mães de 136 crianças, os pais de 88 crianças e as professoras de todas as crianças, sendo 22 professoras que responderam sobre as 146 crianças.

Local

A pesquisa foi realizada em quatro escolas do estado do Paraná: uma escola pública e outra particular de uma cidade de grande porte, e uma escola pública e outra particular de uma cidade do interior do estado.

Instrumentos

Foram utilizados dois instrumentos: a EPI em três versões (infantil, para os pais e para os professores) e o Inventário de Estilos Parentais – IEP (Gomide, 2006) nas versões maternas e paternas.

1) A EPI é composta por 14 itens expressos na forma de declarativas que representam comportamentos indicativos de polidez. Os comportamentos de polidez dispostos nas declarativas são: 1) cumprimentar (itens 1 e 8); 2) despedir-se (itens 2 e 9); 3) solicitar um favor (itens 7 e 14); 4) desculpar-se (itens 3 e 10); elogiar (itens 6 e 13); 6) agradecer (itens 4 e 11); 7) solicitar licença (itens 5 e 12). Para cada comportamento de polidez há dois itens, sendo que um dos itens corresponde ao comportamento de polidez relacionado às pessoas conhecidas, e o outro item corresponde ao comportamento de polidez relacionado às pessoas desconhecidas. As respostas são em escala Likert (Sempre – 2 pontos, às vezes – 1 ponto ou nunca – 0 pontos), indicando a frequência dos

comportamentos da criança em cada situação descrita. O escore total é a soma final dos pontos.

2) O IEP é composto por 42 questões as quais mensuram duas práticas educativas positivas e cinco negativas. O Índice de Estilo Parental é calculado somando-se os pontos obtidos nas questões referentes às práticas positivas (monitoria positiva e comportamento moral) os quais são subtraídos da somatória dos pontos das práticas negativas (punição inconsistente, negligência, disciplina relaxada, monitoria negativa e abuso físico). O índice, quando negativo, informa a prevalência de práticas parentais negativas e quando positivo, a de práticas positivas no processo educacional.

Procedimentos

Solicitou-se autorização das escolas para a realização da pesquisa. Depois de concedidas as autorizações, o projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética da Universidade Tuiuti do Paraná e recebeu aprovação em 23 de julho de 2017 (parecer número 2.182.790). A coleta de dados foi realizada por cinco pesquisadoras (a primeira autora do presente artigo e quatro auxiliares de pesquisa, atualmente graduandas do 9º período do curso de psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná),

A coleta de dados dividiu-se em três fases:

Fase 1 – Coleta com as mães e pais: Enviou-se o TCLE e a EPI versão para mães/pais para os responsáveis via agenda das crianças. As mães e pais que concordaram em participar e autorizaram a participação de seus filhos na etapa 2, assinaram o TCLE e responderam a EPI versão para mães/pais sobre seus filhos, em suas residências, e devolveram ambos à escola por meio da agenda.

Fase 2 – Coleta com as crianças: Estipulou-se junto à escola as datas para aplicação da EPI versão infantil e do IEP materno/paterno com as crianças cujas mães

e/ou pais assinaram o TCLE. A EPI versão infantil e o IEP foram respondidos pelas crianças, individualmente, com o auxílio das pesquisadoras. Cada pesquisadora utilizou uma sala de aula, de forma que na sala só havia uma dupla (pesquisadora e criança). As pesquisadoras liam as declarativas da EPI e do IEP e solicitavam que a criança escolhesse entre sempre, às vezes ou nunca, e anotavam em seguida as repostas no instrumentos correspondentes.

Fase 3 – Coleta com os professores: Os professores (das crianças que participaram da fase 2), que concordaram em participar da pesquisa assinaram o TCLE e responderam a EPI versão para professores sobre seus alunos, individualmente, no período de hora-atividade.

Análise de dados

Nessa etapa da pesquisa obtiveram-se os escores totais da EPI e das sete práticas parentais do IEP, conforme manual de correção (Gomide, 2006). Esses dados foram inseridos em um banco de dados e posteriormente analisados por meio dos softwares *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS - 19) e o *Software R* (R Core Team, 2017), além das funções implementadas pelos pacotes *psych* (Revelle, 2015).

Para análise dos dados, os itens da EPI foram tratados como variáveis ordinais de três pontos e considerados não-paramétricos pela avaliação da distribuição investigada por meio dos testes de Shapiro-Wilk e K-S ($p < 0,05$). Os procedimentos de análise dos dados contaram com duas etapas: uma destinada às evidências de validade baseada na estrutura interna (análise fatorial exploratória da EPI) e a segunda em relação à correlação com variáveis externas (correlação com práticas parentais).

Para obtenção de evidências de validade fez-se a avaliação da dimensionalidade do subteste, por meio de análises fatoriais exploratórias dos eixos principais das

correlações policóricas dos itens (Revelle, 2015). Para a escolha do número de fatores a serem retidos foi utilizada a inspeção visual do *scree plot* (Cattell, 1966) e análises paralelas de Horn (Horn, 1965). Como a inspeção visual tende a sugerir poucos fatores e as análises paralelas sugerem fatores demais (Primi, Santos, John, & De Fruyt, 2016), índices de ajustes provenientes do pacote *psych* foram utilizados na decisão final de escolha do modelo. Os índices de ajuste (valores de referência) considerados para a adequação dos modelos foram o Standardized Root Mean Residual (SRMR) e RMSEA (Root Mean Square Error of Aproximation) ambos com valores ideais próximos ou inferiores a 0,10 (Hair, Black, Babin, & Anderson, 2014). Os itens foram retidos nos fatores em que tiveram maior carga fatorial e, em caso de carga cruzada indicado para aquele que tem maior relação teórica com o fator extraído. Itens com cargas inferiores a 0,30 em todos os fatores extraídos foram retirados da escala final. Posteriormente, foi realizada a análise da consistência interna do instrumento e de cada um dos fatores gerados por meio do coeficiente alfa. Sendo utilizado com o intuito de verificar a precisão do instrumento a partir da matriz de correlações estimada na análise fatorial.

Por último, para avaliação da evidência de validade diante de correlação com variáveis externas da EPI versão infantil, especificamente, verificou-se a correlação entre os resultados desta e do IEP materno e/ou paterno por meio do Teste de *Spearman*. Hipotetizou-se que as práticas parentais positivas correlacionariam positivamente com a polidez, e que as negativas correlacionariam negativamente com a polidez, de acordo com a literatura (Del Prette, & Del Prette, 2008; Falcke, Rosa, & Steigleder, 2012; Gomide, 2006; Patias, Siqueira, & Dias, 2012, 2013; Patterson, Degarmo, & Knutson, 2000; Patterson, Reid, & Dishion, 1992).

Resultados

As três versões da EPI, quais sejam: infantil, para pais/mães e para professores foram submetidas individualmente às análises psicométricas. Embora a versão da EPI para pais/mães seja a mesma, os parâmetros psicométricos foram calculados de forma individual para cada grupo. Primeiramente, comparou-se a frequência de escores total da EPI versão infantil de acordo com o sexo, escola e idade. As médias dos escores para meninos foi 22,72 ($DP = 3,47$) e para meninas foi 22,68 ($DP = 3,49$). A média dos escores de crianças de sete a nove anos foi 22,87 ($DP = 3,56$) e das crianças de 10 a 11 anos foi 22,46 ($DP = 3,35$), indicando distribuições muitos semelhantes entre os sexos e entre as idades. Por outro lado, a média dos escores de crianças estudantes de escola pública foi 23,68 ($DP = 2,83$), e de crianças estudantes de escola privada foi 21,60 ($DP = 3,79$), indicando maiores índices de polidez em crianças de escola pública.

Para obtenção das evidências de validade, realizou-se uma primeira análise fatorial da EPI versão infantil, na qual dois itens (4 e 14) apresentaram cargas cruzadas e menores que 0,3 tanto no fator 1 quanto no fator 2, portanto, optou-se por excluí-los da escala para uma nova análise. Na nova análise da EPI versão infantil os fatores 1 e 2 permaneceram compostos pelos mesmos itens, e os índices de consistência interna dos fatores também permaneceram iguais, conforme Tabela 2.

Tabela 2

Análise fatorial exploratórias dos eixos principais das correlações policóricas dos itens da EPI versão infantil após retirada dos itens 4 e 14

Item	Comportamento	Fator 1	Fator 2	R²
1	Cumprimentar conhecidos	0,47		0,24
2	Despedir-se de conhecidos	0,75		0,49
3	Desculpar-se com conhecidos		0,72	0,56
5	Solicitar licença para conhecidos		0,30	0,18
6	Elogiar conhecidos	0,62		0,36
7	Solicitar um favor para conhecidos	0,43		0,20
8	Cumprimentar desconhecidos	0,34		0,19
9	Despedir-se de desconhecidos	0,53		0,42
10	Desculpar-se com desconhecidos		0,72	0,53
11	Agradecer desconhecidos	0,66		0,53
12	Solicitar licença para desconhecidos		0,71	0,47
13	Elogiar desconhecidos	0,59		0,35
Alpha de Cronbach		0,79	0,72	
Variância explicada		38%		
KMO		0,67		

Nota. RMSEA = 0,10, SRMS = 0,09, correlação entre fatores = 0,37

Contudo, a variância explicada aumentou de 35% para 38% da primeira análise para a segunda. Além disso, verifica-se que no fator 1, o item 2 teve a maior carga fatorial (0,75), e o item 8 teve a menor carga fatorial (0,34). Já no fator 2, os itens 3 e 10 tiveram as maiores cargas fatoriais (0,72), e o item 5 teve a menor carga fatorial (0,30).

A EPI versão para mães obteve valor de KMO = 0,87, resultado que indica que o modelo de AF pode ser considerado pelo bom ajuste aos dados. Dois fatores foram extraídos, sendo o primeiro composto pelos itens 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 13 e 14; e o segundo pelos itens 1, 2, 8 e 9, de acordo com a Tabela 3.

Tabela 3

Análise fatorial exploratórias dos eixos principais das correlações policóricas dos itens da EPI versão para mães

Item	Comportamento	Fator 1	Fator 2	R²
1	Cumprimentar conhecidos	0,86	0,73	
2	Despedir-se de conhecidos	0,76	0,67	
3	Desculpar-se com conhecidos	0,50	0,54	
4	Agradecer conhecidos	0,54	0,59	
5	Solicitar licença para conhecidos	0,48	0,41	
6	Elogiar conhecidos	0,61	0,58	
7	Solicitar um favor para conhecidos	0,63	0,46	
8	Cumprimentar desconhecidos	0,38	0,45	
9	Despedir-se de desconhecidos	0,47	0,65	
10	Desculpar-se com desconhecidos	0,83	0,77	
11	Agradecer desconhecidos	0,78	0,67	
12	Solicitar licença para desconhecidos	0,97	0,73	
13	Elogiar desconhecidos	0,67	0,57	
14	Solicitar um favor para desconhecidos	0,63	0,45	
Alpha de Cronbach		0,93	0,85	
Variância explicada		59%		
KMO		0,87		

Nota. RMSEA = 0,1, SRMS = 0,09, correlação entre fatores = 0,53

Os itens 3, 4, 8 e 9 apresentaram cargas acima de 0,3 para ambos os fatores, contudo, os itens foram inclusos nos fatores os quais apresentaram carga maior. Os coeficientes de consistência interna foram $\alpha = 0,93$ para o fator 1, e $\alpha = 0,85$ para o fator 2. A EPI versão para pais obteve valor de KMO = 0,88, resultado excelente, o qual indica que o modelo de AF também está bem ajustado aos dados. Dois fatores foram extraídos, sendo o primeiro composto pelos itens 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 13 e 14; e o segundo pelos itens 1, 2, 8 e 9, conforme Tabela 4.

Tabela 4

Análise fatorial exploratórias dos eixos principais das correlações policóricas dos itens da EPI versão para pais

Item	Comportamento	Fator 1	Fator 2	R²
1	Cumprimentar conhecidos	0,45	0,46	
2	Despedir-se de conhecidos	0,58	0,60	
3	Desculpar-se com conhecidos	0,53	0,61	
4	Agradecer conhecidos	0,63	0,62	
5	Solicitar licença para conhecidos	0,77	0,50	
6	Elogiar conhecidos	0,54	0,60	
7	Solicitar um favor para conhecidos	0,43	0,51	
8	Cumprimentar desconhecidos	0,60	0,53	
9	Despedir-se de desconhecidos	0,90	0,70	
10	Desculpar-se com desconhecidos	0,77	0,72	
11	Agradecer desconhecidos	0,40	0,71	
12	Solicitar licença para desconhecidos	0,96	0,75	
13	Elogiar desconhecidos	0,61	0,54	
14	Solicitar um favor para desconhecidos	0,45	0,46	
Alpha de Cronbach		0,93	0,88	
Variância explicada		59%		
KMO		0,88		

Nota. RMSEA = 0,07, SRMS = 0,06, correlação entre fatores = 0,59

Os itens 1, 3, 6, 7, 11 e 14 apresentaram cargas acima de 0,3 para ambos os fatores, contudo, os itens foram inclusos nos fatores os quais apresentaram carga maior. Os coeficientes de consistência interna foram $\alpha = 0,93$ para o fator 1, e $\alpha = 0,88$ para o fator 2. Por último, a EPI versão para professores obteve valor de KMO = 0,89, resultado excelente, o qual indica que o modelo de AF está bem ajustado aos dados.

Tabela 5

Análise fatorial exploratórias dos eixos principais das correlações policóricas dos itens da EPI versão para professores (faltou colocar rotação → acho que foi Oblimin)

Item	Comportamento	Fator 1	Fator 2	R²
1	Cumprimentar conhecidos	0,98	0,87	
2	Despedir-se de conhecidos	0,96	0,85	
3	Desculpar-se com conhecidos	0,97	0,78	
4	Agradecer conhecidos	0,58	0,67	
5	Solicitar licença para conhecidos	0,93	0,88	
6	Elogiar conhecidos	0,54	0,84	
7	Solicitar um favor para conhecidos	0,77	0,85	
8	Cumprimentar desconhecidos	0,98	0,90	
9	Despedir-se de desconhecidos	0,54	0,78	
10	Desculpar-se com desconhecidos	0,75	0,75	
11	Agradecer desconhecidos	0,62	0,97	
12	Solicitar licença para desconhecidos	0,97	0,91	
13	Elogiar desconhecidos	0,73	0,78	
14	Solicitar um favor para desconhecidos	0,58	0,87	
Alpha de Cronbach		0,97	0,97	
Variância explicada		83%		
KMO		0,89		

Nota. RMSEA = 0,04, SRMS = 0,03, correlação entre fatores = 0,72

Dois fatores foram extraídos, sendo o primeiro composto pelos itens 3, 4, 5, 7, 10 e 12; e o segundo pelos itens 1, 2, 6, 8, 9, 11, 13 e 14. Os itens 6, 9, 11 e 14 apresentaram cargas acima de 0,3 para ambos os fatores, contudo, os itens foram inclusos nos fatores os quais apresentaram carga maior. O coeficiente de consistência interna foi $\alpha = 0,97$ para ambos os fatores, conforme Tabela 5.

Posteriormente, buscou-se correlações entre a EPI versão infantil e o IEP materno e paterno. Considerando que a distribuição da amostra se mostrou não-paramétrica, utilizou-se o coeficiente de correlação de *Spearman* para verificar a convergência dos resultados dos instrumentos.

Tabela 6

Correlação entre EPI e IEP materno e paterno

	Progenitor avaliado quanto ao Estilo parental e relação com o EPI	
	Mãe (N = 144)	Pai (N = 124)
	ρ de Spearman	ρ de Spearman
Monitoria Positiva	,258*	,262*
Comportamento Moral	,266*	,321*
Punição Inconsistente	,059	,041
Negligência	-,130	-,178*
Disciplina Relaxada	,041	,013
Monitoria Negativa	,110	,110
Abuso físico	-,111	-,212*

As correlações identificadas apresentam direção e intensidade conforme a hipótese prevista. Os resultados apontam que escore total da EPI versão infantil correlaciona-se positivamente com as práticas parentais positivas maternas (monitoria positiva e comportamento moral). O mesmo ocorre com as práticas parentais positivas paternas. Além disso, a EPI versão infantil correlaciona-se negativamente com as práticas parentais negativas (negligência e abuso físico).

Discussão

A EPI em suas três versões (infantil, para pais e para professores) foi submetida a uma análise semântica que referendou os itens inicialmente construídos, permitindo que se procedesse às análises psicométricas de seus itens. Posteriormente verificaram-se as hipóteses de que as práticas parentais positivas correlacionariam positivamente com a polidez, e que as negativas correlacionariam negativamente com a polidez, por meio da correlação da EPI com o IEP.

As evidências de validade do instrumento foram verificadas por meio de evidência baseada na estrutura interna, obtida por meio da análise fatorial; e por meio de

evidência baseada nas relações com variáveis externas, obtida mediante correlação com critério externo (Pasquali, 2001; Primi, Muniz, & Nunes, 2009). Quanto à estrutura interna, verificou-se que o melhor índice de ajuste para as três versões do instrumento consistiu em dois fatores.

Em geral, os fatores extraídos foram organizados mais pelos comportamentos expressos (conteúdo do item), do que pela relação do comportamento com pessoas conhecidas ou desconhecidas. Essa divisão quanto ao conteúdo pode ser explicada pela diferenciação proposta por Gomide (2010) entre a polidez convencional e a polidez moral. Os comportamentos de cumprimentar e despedir-se de conhecidos e desconhecidos compõem um dos fatores da EPI versão para mães, e um dos fatores da EPI versão para pais. Compreendeu-se que ambos os comportamentos têm relação com a polidez convencional, e os demais comportamentos da escala estão relacionados à polidez moral, pois verifica-se que as mães e pais ensinam as crianças a cumprimentarem e despedirem-se antes mesmo dessas aprenderem a falar, por meio do aceno de mãos.

Da mesma forma, um dos fatores da EPI versão para professores foi composto pelos itens que expressam os comportamentos de cumprimentar e despedir-se de conhecidos, e cumprimentar desconhecidos, tal qual a EPI versão para mães e pais. A diferença observada é que este fator abrangeu outros itens, os quais apresentaram carga cruzada, mas maiores para o fator em questão. Estes itens correspondem aos comportamentos de elogiar conhecidos e desconhecidos, e despedir-se, agradecer e solicitar favor a desconhecidos. Desta forma, a hipótese é que as mães, pais e professores considerem tais comportamentos como mais básicos do que o restante dos comportamentos expressos nas demais declarativas. Portanto, a EPI versão para mães, pais e professores apresenta evidências de validade de estrutura interna, dado o encaixe dos fatores, das três versões respondidas pelos adultos, em um robusto modelo teórico.

A EPI versão infantil foi a única escala que apresentou níveis de ajuste melhores e maior precisão com a exclusão de itens. Isso pode representar que, para as crianças, os itens 4 (agradecer conhecidos) e 14 (solicitar favor a desconhecidos) não são compreendidos como exemplo de polidez, visto que são orientadas pelos pais a não conversarem com estranhos. Os ajustes propostos melhoraram a variância explicada de 35% para 38%. Uma alternativa para aumentar ainda mais esse índice é a reorganização da EPI versão infantil em um maior número de itens para cada comportamento, com declarativas mais específicas. Essa distinção entre a forma de adultos e a forma infantil da EPI pode estar relacionada com o fato de que as crianças podem não ter compreendido as declarativas como descrições de comportamentos polidos ou mesmo que, embora compreendam as declarativas, que os comportamentos avaliados não correspondem completamente ao conceito de polidez que dominam com essa idade. Apesar da exclusão de dois itens, ainda assim a EPI versão infantil aparenta ter um ajuste satisfatório, requerendo poucas modificações.

A evidência de validade baseada nas relações com variáveis externas, foi obtida pela busca da correlação entre os resultados da EPI versão infantil e do Inventário de Estilos Parentais (materno e paterno), uma vez que a literatura aponta que as práticas parentais positivas estão relacionadas à aprendizagem de habilidades sociais e comportamento moral, portanto, também à polidez (Del Prette, & Del Prette, 2008; Falcke, Rosa, & Steigleder, 2012; Gomide, 2006; Patias, Siqueira, & Dias, 2012, 2013), e as práticas negativas estão relacionadas ao desenvolvimento de comportamento antissocial (Gomide, 2006; Patterson, Degarmo, & Knutson, 2000; Patterson, Reid & Dishion, 1992). As correlações verificadas apresentaram intensidade fraca, mas direções correspondentes às previstas pelas hipóteses.

Os resultados corroboraram a literatura, uma vez que se verificou correlação positiva entre as práticas parentais positivas, tanto maternas quanto paternas, e o resultado da EPI versão infantil, indicando que quanto mais comportamentos de polidez a criança emite, mais práticas parentais positivas as mães e os pais utilizam. Em contrapartida, verificou-se correlação negativa entre os resultados da EPI versão infantil e as práticas negativas paternas de negligência e abuso físico. Logo, cabe ressaltar a importância do investimento em práticas parentais positivas, pois, a família enquanto parte importante do sistema social pode contribuir com a quebra de ciclos de violência (Cecconello, Antoni, & Toller, 2003). A correlação entre IEP e EPI indica uma evidência de validade baseada nas relações com variáveis externas, demonstrando a relação dos escores do teste com fatores associados ao seu propósito (Primi, Muniz, & Nunes, 2009).

Conclusão

As pesquisas sobre polidez ainda são escassas, mas a importância do tema tem sido reconhecida, haja vista a possibilidade de tornar as relações mais agradáveis, por meio do incentivo às ações de gentileza (Comte-Sponville, 2009; Gomide, 2010). Abre-se portanto, caminho para o fomento de novos estudos para melhor compreender a polidez infantil e para ensiná-la em programas escolares (Neto, & Gomide, 2012) e demais contextos sociais. Os escores fornecidos pela EPI demonstraram ter evidências de validade e também precisão, ao passo que esses dados demonstram a sua viabilidade e confiabilidade tanto na identificação dos déficits comportamentais, quanto na aferição dos resultados de programa de intervenção com enfoque nos comportamentos polidos. Além disso, sugere-se que ações voltadas ao ensino da polidez, uma vez que esta é porta de entrada para a moral (Comte-Sponville, 2009), sejam realizadas de forma conjunta a

programas de práticas parentais com os responsáveis pelas crianças, já que ambas as variáveis estão relacionadas.

Referências Bibliográficas

- Bin fet, J. T., Gadermann, A. M., & Schonert-Reichl, K. A. (2016). Measuring kindness at school: Psychometric properties of a School Kindness Scale for children and adolescents. *Psychology in the Schools*, 53(2), 111-126. DOI: 10.1002/pits.21889
- Cattell, R. B. (1966). The Scree Test For The Number Of Factors. *Multivariate Behavioral Research*, 1(2), 245–276. https://doi.org/10.1207/s15327906mbr0102_10
- Cecconello, A. M., De Antoni, C., & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em estudo*, 8(2), 45-54. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722003000300007>
- Comte-Sponville, André. (2009). *Pequeno tratado das grandes virtudes*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2008). Um sistema de categorias de habilidades sociais educativas. *Paidéia*, 18(41), 517-530. DOI: 10.1590/S0103-863X2008000300008.
- Dishion, T. J., & McMahon, R. J. (1998). Parental monitoring and the prevention of child and adolescent problem behavior: A conceptual and empirical formulation. *Clinical child and family psychology review*, 1(1), 61-75. DOI: 10.1023/A:1021800432380
- Falcão, A. P., Bolsoni-Silva, A. T. (2016). *PROMOVE-Crianças – Treinamento de Habilidades Sociais*. São Paulo: Hogrefe.
- Falcke, D., Rosa, L. W. D., & Steigleder, V. A. T. (2012). Estilos parentais em famílias com filhos em idade escolar. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 5(2), 282-293. Recuperado em 24 de julho, 2017, de pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v5n2/v5n2a08.pdf

- Gehm, T. P. (2013). *Reflexões sobre o estudo do desenvolvimento na perspectiva da Análise do Comportamento* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).
- Gomide, P. I. C. (2006). *Inventário de estilos parentais: modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação*. Petrópolis: Vozes.
- Gomide, P. I. C. (2010). *Comportamento moral: uma proposta para o desenvolvimento das virtudes*. Curitiba: Juruá.
- Gomide, P. I. C., Mascarenhas, A. B., Rocha, G. V. M. (2017). Avaliação de uma intervenção para redução de comportamentos antissociais e aumento da escolarização em adolescentes de uma instituição de acolhimento. *Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis de Comportamiento*, 25(1), 25-40. Recuperado em 05 de agosto, 2017, de www.redalyc.org/pdf/2745/274550025002.pdf
- Gomide, P. I. C., Primo, Â. P., Petruy, C. C., Ortiz, F. P., Muniz, J., de Oliveira, M. G., & Immich, V. M. (2012). Comportamentos de polidez em sala de aula. *Psicologia Argumento*, 30(69), 359-368. DOI: 10.7213/psicol.argum.5982.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2014). *Multivariate Data Analysis* (7th ed.). Harlow, UK: Pearson Education Limited.
- Horn, J. L. (1965). A rationale and test for the number of factors in factor analysis. *Psychometrika*, 30(2), 179–185. <https://doi.org/10.1007/BF02289447>
- La Taille, Y. (2001). Desenvolvimento moral: a polidez segundo as crianças. *Cadernos de Pesquisa*, (114), 89-119. DOI: 10.1590/S0100-15742001000300004.
- Löhr, S. S. (2003). *Estimulando o desenvolvimento de habilidades sociais em idade escolar*. In Z. A. P. Del Prette, & A. Del Prette, Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem (pp. 293-310). Campinas: Alínea.

- Melo, M. H. S., & Silvares, E. F. M. (2003). Grupo cognitivo comportamental com famílias de crianças com déficits em habilidades sociais e acadêmicas. *Temas em Psicologia*, 11, 122-133. Recuperado em 03 de dezembro de 2017, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v11n2/v11n2a06.pdf>
- Netto, R., & Gomide, P. I. C. (2016). *Programa de comportamento moral na Educação Infantil*. Em: Souza, S. R., Haydu, V. B., & Costa, C. E. Análise do Comportamento Aplicada ao Contexto Educacional. Londrina: EDUEL, v. 4, p. 38-68.
- Patterson, G. R., DeGarmo, D. S., & Knutson, N. (2000). Hyperactive and antisocial behaviors: Comorbid or two points in the same process?. *Development and psychopathology*, 12(1), 91-106. DOI: 10.1017/S0954579400001061.
- Patterson, G. R., Reid, J. B., & Dishion, T. J. (1992). *Antisocial boys* (Vol. 4). Eugene: Castalia Pub Co.
- Pasquali, L. (1998). Princípios de elaboração de escalas psicológicas. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 25, 206-213. Recuperado em 26 de novembro de 2017, de <http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol25/n5/conc255a.htm>
- Patias, N. D., Siqueira, A. C., & Dias, A. C. G.. (2012). Bater não educa ninguém! Práticas educativas parentais coercitivas e suas repercussões no contexto escolar. *Educação e Pesquisa*, 38(4).. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022012000400013>.
- Patias, N. D., Siqueira, A. C., & Dias, A. C. G. (2013). Práticas educativas e intervenção com pais: a educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos. *Mudanças. Psicol Saúde*, 21(1), 29-40. DOI: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1019/mud.v21n1p29-40>.
- Primi, R., Muniz, M., & Nunes, C. H. S. S. (2009). *Definições contemporâneas de validade de testes psicológicos*. Em: Hutz, C. S. Avanços e polêmicas em avaliação psicológica: em homenagem a Jurema Alcides Cunha. São Paulo: Casa do psicólogo, p. 243-265.

- Primi, R., Santos, D., John, O. P., & De Fruyt, P. (2016). Development of an Inventory Assessing Social and Emotional Skills in Brazilian Youth. *European Journal of Psychological Assessment*, 32(1), 5–16. <https://doi.org/10.1027/1015-5759>
- R Core Team. (2017). R: A language and environment for statistical computing. *R Foundation for Statistical Computing*, Vienna, Austria. URL <http://www.R-project.org/>.
- Revelle, W. (2015). psych: Procedures for Personality and Psychological Research. Evanston, Illinois. Retrieved from <http://cran.r-project.org/package=psych> Version = 1.5.8
- Skinner, B. F. (1974/2006). *Sobre o Behaviorismo*. 10 ed. São Paulo: Cultrix.
- Stattin, H., & Kerr, M. (2000). Parental monitoring: A reinterpretation. *Child development*, 71(4), 1072-1085. DOI: 10.1111/1467-8624.00210.
- Tsakona, V. (2016). Teaching politeness strategies in the kindergarten: A critical literacy teaching proposal. *Journal of Politeness Research*, 12(1), 27-54. DOI: 10.1515/pr-2015-0022.

Análise de reações de escolares diante de vinhetas de impolidez

Moreira, I. F. P., & Gomide, P. I. C. (*em preparo*). Análise de reações de escolares diante de vinhetas de impolidez.

Análise de reações de escolares diante de vinhetas de impolidez

Resumo

A polidez é porta de entrada para as virtudes, e abrange os comportamentos de cumprimentar, despedir-se, agradecer, solicitar um favor, solicitar licença, elogiar e desculpar-se. É aprendida em terna idade, e pode auxiliar na prevenção do comportamento antissocial. Este estudo objetivou analisar as reações de escolares diante de sete vinhetas de impolidez. Foram participantes da pesquisa 146 crianças, entre sete e onze anos, que responderam uma entrevista estruturada composta por quatro perguntas para cada vinheta. Os resultados indicaram que não houve diferença significativa nas respostas das crianças, considerando a idade, o sexo e a escola (pública ou particular). Verificou-se que a maioria dos escolares entrevistados reagiu de forma adequada diante de situações de impolidez, externando respostas apropriadas para as situações ilustradas. As respostas foram analisadas qualitativamente e enquadradas em cinco categorias. Houve uma aglutinação na categoria denominada “adequada”, com o total de 91,76% das respostas. A segunda categoria que mais obteve respostas foi “parcialmente adequada” (5,9%), seguida, respectivamente, pelas categorias “justifica a impolidez” (1,22%), “inadequada” (0,97%), e “fora de contexto” (0,15%). Além disso, a maioria dos escolares entrevistados apresentou argumentos empáticos diante de comportamentos impolidos, sabendo identificar como a pessoa prejudicada na vinheta poderia ter se sentido.

Palavras chaves: Escolares, polidez, vinhetas.

Abstract

Politeness is the gateway to the virtues, and it encompasses the behavior of to greet, to say goodbye, to thank, to request please, to request excuse, to praise and to apologize. It is learned at a young age, and can aid in preventing antisocial behavior. This study aimed to analyze the reactions of schoolchildren to seven vignettes of impoliteness. Participants of the study were 146 children, between seven and eleven years old, who answered a structured interview composed of four questions for each sticker. The results indicated that there was no significant difference in the children's responses, considering age, sex and school (public or private). It was verified that the majority of the students interviewed reacted adequately to situations of impoliteness, expressing appropriate responses to the illustrated situations. The responses were qualitatively analyzed and fit into five categories. There was an agglutination in the category called "adequate", with a total of 91.76% of the responses. The second category that received the most answers was "partially adequate" (5.9%), followed respectively by the categories "justifies impurity" (1.22%), "inadequate" (0.97%) and "outside of context "(0.15%). In addition, most of the schoolchildren interviewed presented empathetic arguments about impolite behaviors, knowing how to identify how the affected person in the vignette might have felt.

Keywords: Politeness, schoolchildren, vignettes.

Comportamentos agressivos entre escolares, como xingamentos, discussões, violência física e psicológica chamam atenção de educadores e pesquisadores há mais de um século (Oliveira, Costa, & Oliveira, 2014; Santos et al., 2015; Terroso et al., 2016). Estudar comportamentos antagônicos ou inibidores dos comportamentos antissociais pode ser um caminho promissor para a redução dos comportamentos agressivos emitidos na escola (Bandeira et al., 2006; Dittrich, 2010; Gomide, 2010).

A polidez é um comportamento prossocial, que facilita as relações e promove o desenvolvimento das virtudes. Sua relação com o comportamento moral se estabelece em tenra idade (Comte-Sponville, 2009; Gomide, 2010; La Taille, 2001). Comportar-se de forma polida dizendo “obrigado”, por exemplo, pode favorecer a ocorrência dos sentimentos de gratidão e respeito; da mesma forma, desculpar-se pode favorecer a ocorrência do sentimento de culpa e, posteriormente, do comportamento de reparação de dano (Gomide, 2010).

Embora partindo de constructos teóricos distintos, os autores descrevem a polidez da mesma forma. La Taille (2001) define a polidez como “formas de falar e/ou de agir convencionais, nas relações sociais, como, por exemplo, falar bom dia, desculpe, obrigado, sentar-se de determinadas formas etc.” (p. 96). Del Prette e Del Prette (2017) a denominam “habilidades de cidadania”, referindo-se aos comportamentos de apresentar-se, cumprimentar, despedir-se e agradecer, utilizando formas delicadas de conversação, por meio de termos como: por favor, obrigado e desculpe. Para Comte-Sponville (2009) a polidez é o conjunto de qualidades formais, tais como dizer “por favor”, “obrigado” e “desculpe” e caracteriza-se como uma pré-virtude, possivelmente a origem de todas as virtudes. Para o autor, a polidez não tem valor moral em si, mas abre espaço para a aprendizagem de virtudes com valor moral, quando ligada à empatia. A empatia é a capacidade de compreender os sentimentos de alguém, identificar-se com o seu ponto de

vista, e comportar-se de forma que demonstre essa compreensão (Del Prette, & Del Prette, 2001), portanto, é uma habilidade que demanda de aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais (Del Prette, & Del Prette, 2001; Falcone, 2001). Dessa forma, virtudes como a gratidão, a generosidade, o amor, e a bondade podem ser aprendidas.

Agradecer pode ser apenas uma reprodução de uma regra ensinada (Baumgarten-Tramer, 1938), contudo, tal regra abre espaço para o aprendizado de expressões de respeito ao outro. Ou seja, em um primeiro momento a criança apenas reproduz o comportamento verbal “obrigado”, posteriormente, irá retribuir e reconhecer o benfeitor com afeto. É a polidez como gênese da gratidão. E é dessa maneira que a polidez se estabelece como antecedente a moral, uma vez que nem sempre traz consigo as virtudes, mas abre caminho para elas (Comte-Sponville, 2009). No início é imitação e cumprimento de um dever, mas torna as relações sociais mais agradáveis, e como consequência favorece a aprendizagem e o fortalecimento da moral. A gratidão está associada a comportamentos prossociais e à inibição de tendências antissociais (Watkins, Scheer, Ovnicek, & Kolts, 2006).

Pesquisadores da linguística (Brown, & Levinson, 1987; Dynel, 2015; Tsakona, 2016) definem polidez como a característica de um discurso cortês, expresso por meio de ações como procurar acordo, evitar desacordo, oferecer e prometer, explicitar ou simular reciprocidade, não falar diretamente o que se pensa, não se colocar de forma impositiva, demonstrar respeito, pedir desculpas, e evitar os pronomes “eu” e “você”. Brown e Levinson (1987) apontam que a polidez pressupõe o desarmamento de um potencial de agressão, tornando possível a comunicação. Conforme Tsakona (2016), crianças com três anos já exibem alguns padrões de polidez em seu discurso.

Apesar de divergências na fundamentação teórica do termo polidez, pesquisadores da psicologia, linguística e filosofia postulam que sua função é tornar as

relações mais harmoniosas, utilizando formas adequadas de falar e agir. Os autores da filosofia e da psicologia destacam ainda outra função da polidez: ser antecedente à moral (Comte-Sponville, 2009; Gomide, 2010; La Taille, 2001). Operacionalizam o conceito por meio de respostas observáveis (agradecer, desculpar-se, cumprimentar, pedir licença, pedir por favor, sentar-se de determinada forma), algumas delas também citadas pela linguística. Assim, polidez é a classe de comportamentos que abrange as subclasses de cumprimentar, despedir-se, agradecer, solicitar um favor, solicitar licença, elogiar e desculpar-se (Comte-Sponville, 2009; Falcão. & Bolsoni-Silva, 2016; Gomide, 2010; Gomide et al., 2012) com função de tornar as relações sociais mais agradáveis.

Dada a importância da polidez para a aprendizagem da moral, Gomide et al. (2012), conduziram um estudo que observou e registrou comportamentos polidos e impolidos de 56 escolares, de ambos os sexos, em uma sala de aula do ensino fundamental. Os comportamentos-alvo foram: cumprimentar, agradecer, pedir licença, desculpar-se e pedir por favor. Considerou-se comportamentos polidos aqueles emitidos diante de um estímulo desencadeador do comportamento de polidez, e comportamentos impolidos a não ocorrência dos comportamentos esperados diante das mesmas situações desencadeadoras. Os resultados apontaram que a maioria dos participantes, independentemente de sexo, apresentou mais comportamentos impolidos (78,48%) do que polidos (21,51%). A baixa emissão de comportamentos polidos por escolares aponta para a necessidade de implementação de programas de prevenção e intervenção que modifiquem esses resultados.

Alguns estudos de intervenção apontam para a eficácia de programas estruturados para o aumento do comportamento moral, entre eles a polidez (Flook, Goldberg, Pinger, & Davidson, 2015; Neto, & Gomide, 2012). O estudo de Netto e Gomide (2016) para ensinar comportamento moral para crianças de quatro a seis anos,

consistiu em cinco encontros semanais, com duração de 90 minutos cada, que abrangeram os temas: polidez, obediência, justiça, empatia, solidariedade, reparação do dano e perdão. Os comportamentos de polidez aumentaram de 22 para 101 ocorrências e os de impolidez diminuíram de 78 para 43, após a intervenção. Os comportamentos de obediência e de solidariedade aumentaram e os de desobediência diminuíram, indicando que o comportamento moral pode ser ensinado (Comte-Sponville, 2009; Dittrich, 2010; Gewirtz, & Peláez-Nogueras, 1991).

Flook et. al (2015) conduziram um treinamento de habilidades prossociais com 68 crianças de quatro anos de idade, sendo que 30 faziam parte do grupo experimental, e 38 do grupo controle. As intervenções consistiram em duas sessões de 20 a 30 minutos por semana, em horário de aula, com duração de 12 semanas, baseado no *mindfulness* e no incentivo às práticas de bondade. Os resultados indicaram que o grupo experimental obteve notas escolares mais elevadas e melhores índices de desenvolvimento sócio-emocional, enquanto que o grupo de controle apresentou um comportamento mais egoísta em longo prazo.

Vários estudos têm utilizado a vinheta como método de coleta de dados em estudos de polidez. As vinhetas são descrições breves de situações, as quais demandam reações do participante sobre o fenômeno estudado (Polit, & Hungler, 1995). La Taille (2001) perguntou a crianças de 6 a 9 anos “o que é a boa educação?”; “dê alguns exemplos”; “dê exemplos de má educação”; “o que se deve fazer com pessoas mal educadas”; “por quê?”, em seguida, solicitou que os participantes se posicionassem sobre o dano material, intencionalidade relacionados à impolidez. Os resultados mostraram que em todas as idades avaliadas a polidez foi associada à moral, que as crianças não julgam atos, mas pessoas, e que a polidez faz parte das pistas que as crianças menores empregam para tais julgamentos. Em todas as idades a falta de polidez foi considerada mais grave

que um dano material causado por desleixo; e, para as crianças de seis anos, a falta de polidez é um indício confiável para prever outras transgressões.

O agradecimento verbal, “dizer obrigado”, uma das subcategorias da polidez, foi estudado por Baumgarten-Tramer (1938), Graham (1988), Freitas, Pieta e Tudge (2011) e Binet, Gadermann e Schonert-Recihl (2016), utilizando vinhetas como método de coleta de dados. Baumgarten-Tramer (1938) conduziu uma das primeiras pesquisas com vistas a estudar a gratidão. A autora entrevistou 1059 crianças e adolescentes entre 7 a 15 anos, para as quais fez duas questões: 1) Qual é o seu maior desejo?; 2) O que você faria para a pessoa que lhe concedeu esse desejo? O agradecimento verbal foi encontrado com igual frequência entre as crianças de sete a 14 anos de idade, em média de 30% a 40% das respostas.

Freitas, Pieta e Tudge (2011) replicaram a pesquisa de Baumgarten-Tramer (1938) com 430 crianças de sete a 14 anos, realizando as mesmas duas perguntas. O agradecimento verbal apareceu em todas as idades, e os resultados foram muito semelhantes aos da pesquisa de 1938, ou seja, quase 90% das crianças citaram o agradecimento verbal, e aproximadamente 65% dessas somaram esse tipo de agradecimento às outras formas de gratidão: a) retribuir com algo valioso para si, mas não necessariamente para o benfeitor; b) a relação com o benfeitor era mediada pela honra, considerando quem concedeu o desejo um grande amigo; ou c) designar situações de retribuição de favor por meio de uma ação que promovesse o seu próprio desenvolvimento pessoal, por exemplo, um jovem que busca retribuir quem lhe ajudou a conseguir o emprego sendo honesto e pontual no serviço.

Freitas, Mileski e Tudge (2011) investigaram o juízo moral de crianças entre cinco e 12 anos sobre ingratidão por meio da apresentação de duas histórias, e verificaram que a maioria das crianças (87% e 99%) reprovou as atitudes de ingratidão expressas nas

situações. Constataram que as justificativas apresentadas para a reprovação variavam significativamente com a idade, e divergiam das razões dos adultos. As crianças menores justificaram a reprovação da ingratidão baseando-se nas consequências negativas que o benfeitor sofreu, e as maiores relataram que a relação de amizade previamente existente entre os personagens das situações foi prejudicada; outras crianças justificaram o erro pela falta de reciprocidade, uma vez que ambas as histórias descreviam contextos onde um dos personagens foi solidário ao outro, e na oportunidade de retribuir este último não o fez, caracterizando a ingratidão.

Graham (1988) pesquisou a gratidão em um estudo no qual mostrou a grupos de infantes, de cinco a 11 anos, uma vinheta onde uma criança é escolhida para compor um time em uma situação escolhida pelo capitão do time, a pedido do experimentador, e outra não. As crianças de todas as idades compreenderam que, no primeiro contexto, a benesse recebida pela personagem não dependia do capitão do time. Contudo, as crianças mais novas afirmaram que a personagem se sentiu tão grata quanto no segundo contexto, enquanto a partir dos oito anos as crianças relataram que na segunda cena a personagem sentiria mais gratidão.

Bin fet, Gadermann e Schonert-Recihl (2016) elaboraram uma Escala de Bondade Escolar (SKS) para avaliar a percepção dos alunos sobre comportamentos de gentileza na escola. Participaram 1753 escolares entre o 4º e o 8º ano. A SKS continha cinco declarativas: 1) Os adultos da minha escola são modelos de gentileza; 2) A gentileza acontece regularmente na minha sala de aula; 3) A gentileza acontece regularmente na minha escola; 4) Meu professor é gentil; 5) Na minha escola, eu sou incentivado a ser gentil; as quais eram respondidas em formato de escala Likert de cinco pontos, sendo que 1 significava “discordo totalmente”, e 5 significava “concordo totalmente”. O instrumento demonstrou uma estrutura de fatores unidimensional e consistência interna

adequada. Os itens mensuraram a percepção dos alunos sobre a frequência de gentileza em sua sala de aula e escola e se a bondade foi encorajada pelos professores e por outras pessoas. Os resultados mostraram que as meninas perceberam níveis mais elevados de gentileza na escola do que os meninos, e que as percepções de gentileza dos escolares diminuíram do quarto para o oitavo ano, apontando para uma diminuição na frequência dos comportamentos prossociais de adolescentes em relação a pré-adolescentes.

Visto a escassez nacional de estudos sobre polidez ou de comportamentos de gratidão e habilidades de cidadania, buscou-se com este estudo avaliar reações de escolares diante de vinhetas de impolidez.

Método

Participantes

Foram participantes da pesquisa 146 crianças entre sete e 11 anos ($M = 8,99$ anos, $DP = 1,45$), matriculados do 2º ao 6º ano do ensino fundamental ($M = 4,1$, $DP = 1,36$), dos quais 77 estudantes eram da escola pública (38 meninos e 39 meninas) e 69 da escola privada (36 meninos e 33 meninas), como pode ser visto na Tabela 1.

Tabela 1

Caracterização da amostra

Idade	Escola Públca		Escola Particular		Total
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	
7 – 9 anos	23	23	20	20	86
10 – 11 anos	15	16	16	13	60
Total	38	39	36	33	146

Local

A pesquisa foi realizada em quatro escolas do estado do Paraná: uma escola pública e outra particular de uma cidade de grande porte, e uma escola pública e outra particular de uma cidade do interior do estado.

Vinhetas de impolidez

Os dados foram coletados por meio da apresentação de sete vinhetas de impolidez, apresentadas aos alunos individualmente. Cada vinheta foi mostrada em um quadro, com duas ou três situações, que retratavam um comportamento de impolidez. As vinhetas 1, 3, 4, 5 e 6 foram retiradas do livro “Comportamento Moral: uma proposta para o desenvolvimento das virtudes” (Gomide, 2010, p. 219-223), com a autorização da autora. As vinhetas 2 e 7 foram criadas por uma das autoras deste artigo, no site <http://www.toondoo.com/>, cumprindo com o termo de utilização deste, o qual veda a utilização das vinhetas para fins comerciais, não sendo a função deste estudo. A seguir estão descritas as situações expressas em cada uma das vinhetas:

(1) Não cumprimentar: Na primeira situação, uma senhora está sentada em uma poltrona fazendo tricô. Na segunda situação, a filha da senhora passa por ela, e a senhora a cumprimenta. Na terceira situação, a filha continua andando e não responde o cumprimento da mãe.

(2) Não despedir-se: Na primeira situação há uma senhora sentada em uma poltrona, na sala. Seu neto passa pela sala carregando uma maleta, e sua avó diz: “Tchau, boa aula”. Na segunda situação, o neto continua andando e não responde sua avó. A senhora aparece com as extremidades da boca caídas, indicando tristeza ou sentimento semelhante.

(3) Não agradecer: Na primeira situação, há um vendedor atrás de um balcão. Em cima do balcão há alguns potes com doces. Há também um rapaz, que diz para o vendedor “Eu quero cinco chicletes e dois chocolates”. Na segunda situação, o rapaz não agradece depois de o vendedor ter lhe atendido, e sai segurando um pacote nas mãos. O vendedor pensa “de nada”, e aparece com as extremidades da boca caídas, indicando tristeza ou sentimento semelhante.

(4) Não solicitar um favor: Na primeira situação, há uma mão segurando um pedaço de bolo. Na segunda situação, um menino pega o pedaço de bolo da mão de sua mãe, sem lhe pedir. A mãe aparece com as extremidades da boca caídas, indicando tristeza ou sentimento semelhante.

(5) Não solicitar licença: Na primeira situação, há duas mulheres no corredor de um transporte público. Logo atrás há um homem andando na direção das mulheres. Na segunda situação o homem não solicita licença e esbarra nas duas mulheres, pois o espaço entre ambas não é suficiente para uma pessoa passar.

(6) Não desculpar-se: Na primeira situação, há um senhor lendo um jornal, sentado no sofá. Seu neto está andando em sua direção. Na segunda situação, aparece o pé do neto pisando no pé do avô. Na terceira situação, o senhor levanta o pé que o menino pisou, e olha para o menino. O menino olha para o avô, mas não lhe pede desculpa.

(7) Não elogiar: Na primeira situação, há uma menina e sua mãe, a qual usa um vestido longo. A mãe diz para a menina: “Olha filha, me arrumei para a festa! O que você achou?”. Na segunda situação a menina diz “Vou brincar lá fora”, e não responde o que a mãe lhe perguntou. A mãe aparece com as extremidades da boca caídas, indicando tristeza ou sentimento semelhante.

Cada criança foi levada a uma sala previamente definida pela direção da escola para realização da pesquisa. Ao chegar à sala, a criança era recebida por uma das

pesquisadoras, que a convidava a se sentar em uma cadeira. A pesquisadora explicava para a criança que havia enviado um termo para os seus responsáveis autorizarem a participação, que estes consentiram e também responderam um questionário sobre a criança. A pesquisadora descreveu ainda que estava realizando uma pesquisa sobre os comportamentos das crianças, que era importante que esta respondesse com tranquilidade e sinceridade, pois todas as respostas seriam sigilosas.

Os nomes dos personagens das vinhetas foram inventados, sendo utilizados os mesmos em todas as entrevistas. As respostas foram gravadas e depois transcritas. As pesquisadoras mostravam uma situação de impolidez por vez, e após cada situação realizavam as seguintes perguntas: 1) O que você achou do comportamento de Alice, Tiago, José, Ricardo, Enzo, João, Amanda (para a as vinhetas 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7, respectivamente)?; 2) Por que?; 3) Como você se comportaria no lugar de Alice, Tiago, José, Ricardo, Enzo, João, Amanda (para a as vinhetas 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7, respectivamente)?; 4) Como você acha que a outra pessoa se sentiu?.

Procedimentos éticos

Foi solicitada autorização às diretorias das escolas para a realização da pesquisa. Em seguida o projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética. Posterior à aprovação do Comitê de Ética (em 23 de julho de 2017, parecer número 2.182.790), entrou-se em contato com as escolas para agendar a realização do estudo. O TCLE foi encaminhado para os responsáveis via agenda dos alunos e foram devolvidos pelo mesmo sistema. Posteriormente, estipularam-se junto à escola as datas para coleta de dados junto aos alunos que apresentaram o TCLE assinado pelos responsáveis.

Análise de dados

As respostas dos participantes foram categorizadas em função de critério de adequação: (a) respostas adequadas correspondentes a 4 pontos; (b) parcialmente adequadas, a 3 pontos; (c) respostas inadequadas, a 2 pontos; (d) respostas que justificavam o comportamento impolido, a 1 ponto e (e) respostas fora de contexto, a zero pontos. As cinco categorias utilizadas para a pontuação eram excludentes entre si, ou seja, cada resposta poderia receber pontos por apenas uma das categorias. Calculou-se o qui-quadrado (X^2) para cada questão das sete vinhetas, para comparar a distribuição entre as vinhetas.

Resultados

Os textos gravados e transcritos foram organizados de acordo com a classificação (1) respostas adequadas, (2) respostas parcialmente adequadas, (3) respostas inadequadas, (4) respostas que justificaram o comportamento impolido e (5) respostas fora de contexto em função das quatro perguntas formuladas: 1) O que você achou do comportamento de *nome do personagem da situação que se comportou de forma impolida?*; 2) Por que?; 3) Como você se comportaria no lugar de *nome do personagem que se comportou de forma impolida?*; 4) Como você acha que a outra pessoa se sentiu?, diante das vinhetas de impolidez.

Foi comparada a frequência de cada categoria de respostas em relação ao sexo, faixa etária e escola (pública e particular), por meio do teste do qui-quadrado (X^2), que é um teste de hipóteses que objetiva encontrar o valor da dispersão para variáveis. Em nenhuma questão foi demonstrada associação da resposta da vinheta com as variáveis sexo e escola ($p > 0,05$). Por outro lado, três perguntas apresentaram associação da

classificação da resposta com os grupos de idade, a saber: pergunta 4 da situação de despedir-se (qui-quadrado = 508,382), e perguntas 2 e 3 da situação de solicitar um favor (qui-quadrado = 333,382 e 388,725, respectivamente), sendo $X^2 = p < 0,05$. No entanto, como as demais variáveis em estudo não apresentaram associações significativas com grupos etários, escola e sexo, as análises foram realizadas considerando o total de 146 participantes como uma única amostra.

Tabela 2

Estatística descritiva e X^2 das respostas diante das situações de impolidez.

Comportamentos de impolidez	P	Adequado	Parcialmente Adequado	Inadequado	Justificou comportamento impolido	Fora de contexto	X^2
Não cumprimentar	1	134	5	4	3	0	470,642
	2	125	13	1	6	1	396,189
	3	134	11	0	0	1	473,108
	4	139	5	0	1	1	516,602
Não despedir-se	1	138	6	0	2	0	507,559
	2	132	8	3	3	0	453,519
	3	137	9	0	0	0	499,546
	4	138	8	0	0	0	508,382
Não agradecer	1	134	7	1	4	0	476,751
	2	124	15	3	3	1	388,93
	3	140	5	0	1	0	526,122
	4	134	9	2	1	0	444,64
Não pedir por favor	1	135	8	0	3	0	480,642
	2	115	25	3	3	0	333,382
	3	123	22	1	0	0	388,725
	4	140	6	0	0	0	526,464
Não pedir licença	1	137	4	3	2	0	504,147
	2	138	4	0	4	0	514,463
	3	141	5	0	0	0	535,712
	4	133	11	2	0	0	464,066
Não desculpar-se	1	142	3	0	1	0	544,889
	2	137	7	1	1	0	498,519
	3	142	1	3	0	0	544,889
	4	126	19	1	0	0	410,095
Não elogiar	1	134	6	0	6	0	471,395
	2	122	10	7	6	1	370,094
	3	136	6	3	0	1	488,998
	4	141	3	2	0	0	535,3
Média		133,97	8,61	1,42	1,79	0,21	474,06

A Tabela 2 mostra a frequência para cada uma das quatro perguntas de cada vinheta de impolidez apresentadas aos participantes. Observou-se que as respostas

adequadas, em todas as categorias, tiveram o maior percentual, variando de 78,7% (mínimo) na pergunta 2 de não pedir por favor a 97,3% (máximo) para as perguntas 1 e 3 de não desculpar-se. Considerando que 146 participantes responderam 28 questões (4 perguntas para cada uma das 7 situações de impolidez), a média das 4088 respostas totais foi de 3,87 ($DP = 0,46$). O baixo valor do desvio padrão representa uma similaridade na amostra.

Realizou-se ainda a análise quantitativa de cada resposta dada às perguntas feitas diante das vinhetas de impolidez por meio do cálculo do qui-quadrado (X^2). Para comparação dos resultados com a tabela padrão, utilizou-se o valor 1 para grau de liberdade, haja vista que o X^2 foi calculado separadamente para cada linha. Considerando as 28 questões, obtiveram-se valores de X^2 entre 388,93 e 544,889. Para um índice de 5% de probabilidade e 1 grau de liberdade, o valor crítico de qui-quadrado é 3,841 (Conti, 2009). Todos os valores de X^2 são significativamente maiores que 3,841, indicando que a distribuição entre as respostas está aglutinada. Por meio de uma inspeção visual na Tabela 2, percebe-se que em todas as questões a concentração de respostas está na categoria “adequada”. As análises qualitativas das respostas das crianças às perguntas feitas pelos pesquisadores permitem uma melhor compreensão destas classificações.

Respostas adequadas

A atribuição de resposta adequada na primeira questão (o que você achou sobre o comportamento de *nome do personagem que comportou-se de forma impolida?*), abrangeu respostas que consideravam o comportamento impolido totalmente inadequado. As respostas variaram como “feio, ruim, errado, não gostei, mal educado, péssimo, horroroso, nada bom, que não deu bola, se comportou mal, violento, que não teve respeito, que não foi uma boa pessoa”. Para a segunda questão (porquê?), consideraram-se

adequadas respostas que justificavam plausivelmente o motivo da inadequação do comportamento impolido, tanto pela não emissão do comportamento esperado, como “porque ela não respondeu a mãe dela, porque ela não disse oi, porque ele não disse tchau, porque ele não disse obrigado”; quanto pela ausência do sentimento subjacente ao comportamento esperado, como “porque isso é falta de respeito, porque é falta de educação”.

Concernente à questão três (como você se comportaria no lugar de *nome do personagem que se comportou de forma impolida?*), consideraram-se respostas adequadas àquelas que apontaram a emissão de comportamentos polidos, como “eu diria oi (para a situação sobre cumprimentar), eu diria tchau e dava um abraço (para a situação sobre despedir-se), eu pediria “por favor mãe, me dá um pedaço de bolo?” (para a situação sobre pedir por favor), eu daria um beijo e um abraço, dizia “que bonito esse teu vestido, mãe” (para a situação sobre elogiar)”. Em relação à quarta questão (como você acha que *nome do personagem prejudicado* se sentiu?), foram consideradas adequadas as respostas que reconheceram que a impolidez teve como consequência a produção de sentimentos aversivos, tais quais “acho que ficou triste, magoada, mal, chateada, mal tratado, brava, nervosa”. A média da porcentagem de respostas nesta categoria foi de 91,76% (DP = 6,88).

Respostas parcialmente adequadas

Para a primeira questão (o que você achou sobre o comportamento de *nome do personagem que se comportou de forma impolida?*), respostas categorizadas como “parcialmente adequadas” corresponderam àquelas em que a criança não deu sua opinião sobre o comportamento, mas disse o que deveria ser feito, por exemplo “ela deveria dar oi, ele deveria dar tchau antes de ir, ela tinha que responder a mãe”; ou respostas em que

as crianças não consideram o comportamento impolido totalmente inadequado, como “mais ou menos, um pouquinho ruim”. Ou seja, a criança demonstra saber que a impolidez é inadequada, mas não expressa seu julgamento, ou, considera a impolidez parcialmente inadequada. Em relação à segunda questão (porquê?), foram consideradas respostas parcialmente adequadas àquelas em que a criança reconhece o outro, mas não explica porquê o comportamento é inadequado, por exemplo “porque principalmente a moça é mãe dela, porque a Alice tem uma mãe e ela se *descomportou*, porque ela ia passar e ia pensar que ele é mal educado”; consideraram-se ainda respostas parcialmente adequadas aquelas que explicaram porque o comportamento está errado, mas utilizaram um comportamento de polidez diferente do esperado para a situação, por exemplo “porque ele não disse por favor (na situação sobre agradecer)”.

A questão três (como você se comportaria no lugar de *nome do personagem que se comportou de forma impolida?*), abrangeu respostas amplas, onde as crianças reconheciam que o personagem havia sido inadequado, mas não especificavam o comportamento adequado, por exemplo “eu obedecia, eu fazia as coisas certas”. A questão quatro (como você acha que *nome do personagem prejudicado* se sentiu?) compreendeu respostas que reconheceram o outro, mas explicitaram pensamentos e sensações físicas, em vez de emoções, exemplo “ela ficou pensando porque ela fez isso (na situação sobre cumprimentar), ele ficou com uma dor no pé (na situação sobre desculpar-se)”. A média da porcentagem de respostas nesta categoria foi de 5,9% (DP = 5,70).

Respostas inadequadas

A categoria “inadequado”, na primeira questão (o que você achou sobre o comportamento de *nome do personagem que se comportou de forma impolida?*) abrangeu

respostas que não apresentavam nenhum tipo de opinião, por exemplo “sei lá, não sei”; ou que traziam opiniões inconsistentes acerca da impolidez, tal qual “Deus não gosta, Jesus fica triste”. As mesmas respostas ocorram na questão dois (porquê?) “não sei, porque Deus não gosta”.

Em relação à terceira questão (como você se comportaria no lugar de *nome do personagem que se comportou de forma impolida?*), categorizaram-se como respostas inadequadas àquelas que respondiam a pergunta, mas de forma totalmente inconsistente, como “não sei o que eu ia fazer, eu obedecia Jesus”. Por último, a quarta questão (como você acha que *nome do personagem prejudicado* se sentiu?) abrangeu como respostas inadequadas àquelas que responderam a pergunta, mas não expressaram empatia com o outro “não sei, não sentiu nada”. A média da porcentagem de respostas nesta categoria foi de 0,97% (DP = 1,70).

Respostas que justificam o comportamento impolido

A categoria “justifica o comportamento impolido” na primeira questão (como você se comportaria no lugar de *nome do personagem que se comportou de forma impolida?*) englobou respostas que elencavam razões para a criança não ter emitido comportamentos polidos, sem considerar a inadequação de tal ato. Por exemplo: “acho que ela não escutou” (na situação sobre cumprimentar), “acho que ele tinha uma prova hoje” (na situação sobre despedir-se), “ele brigou com as meninas e não gostava delas” (na situação sobre pedir licença), “é que ele só conseguiu pegar um pacote de bala” (para o comportamento de não agradecer). Da mesma forma, para a questão dois (porquê?) consideraram-se respostas como “porque ela deve tá com um trabalho da escola (na situação sobre cumprimentar), porque ela tá cansada (na situação sobre elogiar)”.

Não houve resposta enquadrada nesta categoria, na questão 3 (como você se comportaria no lugar de *nome do personagem que se comportou de forma impolida?*). Em relação à quarta questão (como você acha que *nome do personagem prejudicado* se sentiu?), abrangeram-se respostas em que a criança expressa que a pessoa prejudicada também justificou o comportamento do personagem impolido, por exemplo “ela sentiu que a filha tava cansada (na situação sobre cumprimentar)”. A média da porcentagem de respostas nesta categoria foi de 1,22% (DP = 2,0).

Respostas fora de contexto

Por último, a categoria “fora de contexto” compreendeu respostas concernentes às quatro questões em que a criança apresentava respostas sem relação alguma com o que foi perguntado, por exemplo “eu joguei *Minecraft* ontem, eu acho que quero ir pra casa hoje, sabia que eu fui passear final de semana?, eu quero ficar aqui até a hora do recreio”. A média da porcentagem de respostas nesta categoria foi de 0,15% (DP = 0,41).

A fig 1 compara os percentuais da primeira pergunta realizada após a apresentação de cada uma das sete situações de impolidez (O que você achou do comportamento de Alice, Tiago, José, Ricardo, Enzo, João, Amanda? – para a as vinhetas 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7, respectivamente).

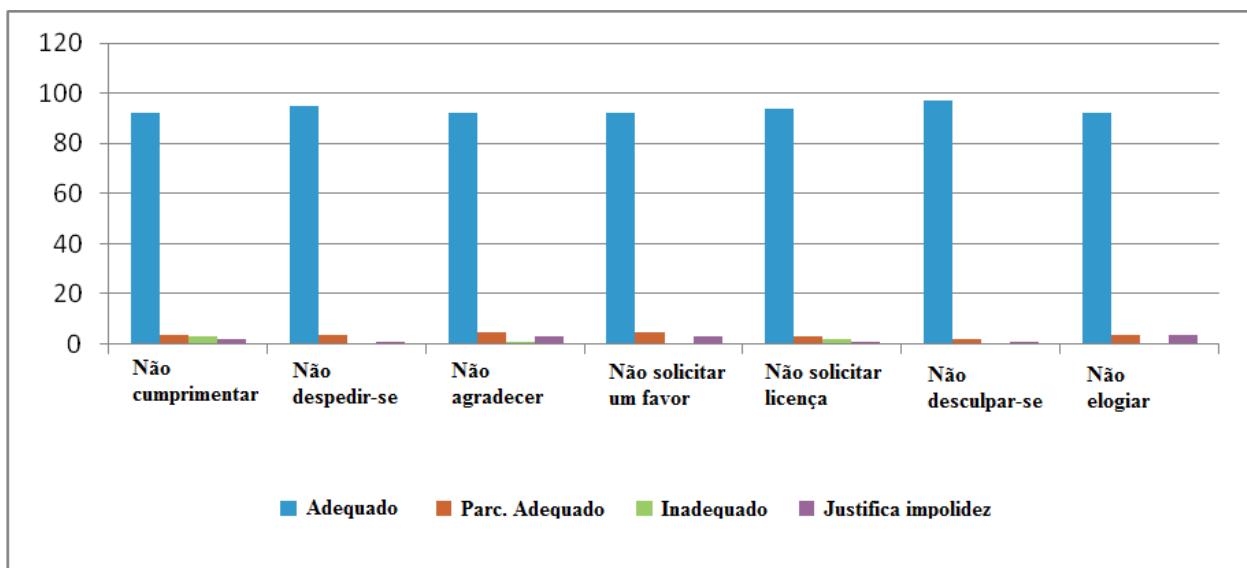


Figura 1. Percentuais de respostas da primeira pergunta de todas as vinhetas

A inspeção visual da fig 1 evidencia a acentuada discrepância na distribuição de respostas entre as quatro categorias possíveis, referente à primeira pergunta realizada em todas as situações apresentadas, havendo uma concentração demasiada na categoria “adequada”. As categorias “parcialmente adequada” e “justifica o comportamento impolido” aparecem com uma frequência baixíssima, sendo menor ainda a frequência para a categoria “inadequada”. Não houve nenhuma resposta categorizada na categoria “fora de contexto”, por este motivo não foi elencada no gráfico.

Os resultados desta pesquisa indicaram que não houve diferença significativa nas respostas das crianças, considerando a idade, o sexo e a escola. Tendo em vista a categorização das respostas em: adequada, parcialmente adequada, inadequada, justifica a impolidez, e fora de contexto, verificou-se que a maioria dos escolares entrevistados reagiu de forma adequada diante de situações de impolidez, ou seja, externaram respostas apropriadas e souberam verbalizar quais os comportamentos esperados para as situações ilustradas, haja vista a concentração total de 91,76% de respostas enquadradas nesta categoria. A segunda categoria que mais obteve respostas foi “parcialmente adequada”

(5,9%), seguida, respectivamente, pelas categorias “justifica a impolidez” (1,22%), “inadequada” (0,97%), e “fora de contexto” (0,15%) Além disso, a maioria dos escolares entrevistados apresentaram argumentos empáticos diante de comportamentos impolidos, medidos pelas respostas às perguntas 4 (como você acha que a outra pessoa se sentiu?). Desta feita, destaca-se a relevância de estudar-se a polidez, uma vez que ligada à empatia, atua como porta de entrada para as demais virtudes e para a moral (Comte-Sponville, 2009; Gomide, 2010).

Discussão

Este estudo objetivou analisar as reações de escolares entre sete e 11 anos, tanto de escola pública quanto de escola privada, diante de situações de impolidez. As hipóteses levantadas inicialmente consistiam em: 1) as respostas adequadas aumentariam proporcionalmente à idade, uma vez que o comportamento moral é aprendido. Dessa forma, quanto maior a faixa etária, mais fortalecido está; 2) alunos de escola privada apresentariam mais respostas adequadas em relação a alunos de escola pública; c) meninas apresentariam mais respostas adequadas do que meninos. Todavia, nenhuma das hipóteses foi apoiada, haja vista que o teste do qui-quadrado (X^2) não demonstrou associação entre as respostas dos escolares com as variáveis: sexo, escola e idade. O que se observou, entretanto, foi um efeito de teto (quando a maioria dos participantes atinge o escore máximo de um teste), independente destas variáveis.

Isto se assemelha aos resultados do estudo de Freitas, Mileski e Tudge (2011) e de La Taille (2001), que também verificaram um efeito de teto nas respostas das situações apresentadas. Portanto, tais estudos, bem como esta pesquisa, demonstraram que as crianças já aprenderam a reconhecer os comportamentos apropriados nas relações sociais.

Contudo, há uma divergência em relação ao estudo de Gomide et al. (2012), que apontou uma ocorrência muito baixa de comportamentos polidos de escolares em um contexto de sala de aula, indicando que as crianças sabem o que é polidez, reconhecem a impolidez, verbalizam a forma correta de se comportar (Freitas, Mileski, & Tudge, 2011; La Taille, 2001), no entanto, quando observadas diretamente expressam ausência de polidez (Gomide et al., 2012). Além disso, os resultados do pré-teste do estudo de Netto e Gomide (2016), que mensuraram comportamentos de polidez por meio de observação direta, também indicaram pouca baixa frequência de comportamentos polidos. Aparentemente, a divergência entre os resultados dos estudos que utilizaram vinhetas em contraste aos estudos que utilizaram observação direta, seja decorrente da metodologia para coletar os dados, ou seja, saber o comportamento correto pode não estar associado a emitir o comportamento correto.

Portanto, é preciso que sejam verificados em estudos futuros se estes comportamentos verbais correspondem a expressões comportamentais diante de situações reais, já que as pesquisas que utilizaram o método de observação direta verificaram que a ocorrência de comportamentos polidos é baixa em ambiente natural. Sendo assim, torna-se relevante planejar e implantar programas de intervenção, a fim de fomentar a prática de comportamentos prossociais, como a polidez, haja vista ser uma estratégia possível, conforme verificado no estudo de Netto e Gomide (2016), o qual obteve êxito no ensino de comportamentos que compõem a moral; além de ser uma estratégia que pode promover outras benesses, como o aumento de notas escolares e melhores índices de desenvolvimento sócio-emocional (Flook, Goldberg, Pinger, & Davidson, 2015). A execução de tais programas de intervenção pode ocorrer ainda na pré-escola, haja vista que crianças reconhecem, mesmo em uma idade precoce, que a linguagem é usada de diferentes maneiras a depender do contexto (Tsakona, 2016).

Sugere-se ainda que estudos futuros pesquisem a polidez com crianças menores, para compreender em que momento geralmente ocorre a aprendizagem das virtudes, pois os resultados desta pesquisa mostraram que a partir dos sete anos já se reconhece o que é esperado para as relações sociais. Finalmente, cabe ressaltar que a limitação desta pesquisa consistiu na baixa adesão dos pais para a permissão da participação de seus filhos no estudo, sendo que dos 450 TCLE enviados, 146 retornaram com a autorização dos pais para que seus filhos fossem entrevistados. Essa limitação sugere que pais mais responsivos e atentos as agendas dos filhos tenham autorizado, e os pais negligentes não tenham permitido a coleta de dados. Nesse sentido, pesquisas futuras devem procurar coletar dados em uma amostra com pais de estilo parental positivo e negativo para esclarecimento deste ponto (ótimo), haja vista que práticas parentais positivas favorecem a ocorrência de comportamento moral (Del Prette, & Del Prette, 2008; Falcke, Rosa, & Steigleder, 2012; Gomide, 2006; Patias, Siqueira, & Dias, 2012, 2013).

Referências Bibliográficas

- Bandeira, M., Rocha, S. S., Souza, T. M. P. D., Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2006). Comportamentos problemáticos em estudantes do ensino fundamental: características da ocorrência e relação com habilidades sociais e dificuldades de aprendizagem. *Estudos de Psicologia*, 11(2), 199-208. DOI: 10.1590/S1413-294X2006000200009
- Baumgarten-Tramer, F. (1938). “Gratefulness” in children and young people. *The Pedagogical Seminary and Journal of Genetic Psychology*, 53(1), 53-66. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/08856559.1938.10533797>.
- Bin fet, J. T., Gadermann, A. M., & Schonert-Reichl, K. A. (2016). Measuring kindness at school: Psychometric properties of a School Kindness Scale for children and adolescents. *Psychology in the Schools*, 53(2), 111-126. DOI: 10.1002/pits.21889
- Brown, P., & Levinson, S. C. (1987). *Politeness: Some universals in language usage* (Vol. 4). Cambridge: Cambridge University Press.
- Caplan, M. (1993). *Inhibitory influences in development: The case of prosocial behavior*. In D. F. Hay & A. Angold (Eds.) Precursors and causes in development psychopathology (pp. 169–198). New York, NY: Wiley.
- Comte-Sponville, André. (2009). *Pequeno tratado das grandes virtudes*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Conti, F. (2009). Qui-Quadrado. *Muitas Dicas. Laboratório de Informática – ICB-UFPA*. Recuperado em 07 de outubro, 2017, de <http://www.cultura.ufpa.br/dicas>.
- Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2001). *Psicologia das Relações Interpessoais: vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis: Vozes

- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2008). Um sistema de categorias de habilidades sociais educativas. *Paidéia, 18*(41), 517-530. DOI: 10.1590/S0103-863X2008000300008.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. (2017). *Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática*. Petrópolis: Editora Vozes Limitada.
- Dittrich, A. (2010). *Ética e Comportamento*. In E. Z, Tourinho, & S. V. Luna, (Orgs.), Análise do Comportamento: investigações históricas, conceituais e aplicadas (pp. 37-59). São Paulo: Roca.
- Dynel, M. (2015). The landscape of impoliteness research. *Journal of politeness research, 11*(2), 329-354. DOI: 10.1515/pr-2015-0013.
- Falcão, A. P., Bolsoni-Silva, A. T. (2016). *PROMOVE-Crianças – Treinamento de Habilidades Sociais*. São Paulo: Hogrefe.
- Falcke, D., Rosa, L. W. D., & Steigleder, V. A. T. (2012). Estilos parentais em famílias com filhos em idade escolar. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 5*(2), 282-293. Recuperado em 24 de julho, 2017, de pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v5n2/v5n2a08.pdf
- Falcone, E. M. (2001). *A função da empatia na terapia cognitivo-comportamental*. In M. L. Marinho & V. E. Caballo (Orgs.). *Psicologia Clínica e da Saúde* (pp. 137-154). Londrina: Ed. UEL; Granada: APICSA.
- Flook, L., Goldberg, S. B., Pinger, L., & Davidson, R. J. (2015). Promoting prosocial behavior and self-regulatory skills in preschool children through a mindfulness-based kindness curriculum. *Developmental psychology, 51*(1), 44. DOI: 10.1037/a0038256
- Freitas, L. B. D. L., Pieta, M. A. M., & Tudge, J. R. H. (2011). Beyond politeness: The expression of gratitude in children and adolescents. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 24*(4), 757-764. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722011000400016>.

- Freitas, L. B. L., Mileski, A. Z., & Tudge, J. R. H. (2011). O juízo moral das crianças sobre a ingratidão. *Aletheia*, 34, 6–18.
- Gewirtz, J. L., & Peláez-Nogueras, M. (1991). *Proximal Mechanisms Underlying the Acquisition of Moral Behavior Patterns*. In W. M. Kurtines, & J. L. Gewirtz, (Orgs.), *Handbook of moral behavior and development: Theory* (vol. 1, pp. 153-182). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Gomide, P. I. C. (2006). *Inventário de estilos parentais: modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação*. Petrópolis: Vozes.
- Gomide, P. I. C. (2010). *Comportamento moral: uma proposta para o desenvolvimento das virtudes*. Curitiba: Juruá.
- Gomide, P. I. C., Primo, Â. P., Petruy, C. C., Ortiz, F. P., Muniz, J., de Oliveira, M. G., & Immich, V. M. (2012). Comportamentos de polidez em sala de aula. *Psicologia Argumento*, 30(69), 359-368. DOI: 10.7213/psicol.argum.5982.
- Graham, S. (1988). Children's developing understanding of the motivational role of affect: An attributional analysis. *Cognitive Development*, 3(1), 71-88. DOI: 10.1016/0885-2014(88)90031-7
- La Taille, Y. (2001). Desenvolvimento moral: a polidez segundo as crianças. *Cadernos de Pesquisa*, (114), 89-119. DOI: 10.1590/S0100-15742001000300004.
- Nantel-Vivier, A., Kokko, K., Caprara, G. V., Pastorelli, C., Gerbino, M. G., Paciello, M., Tremblay, R. E. (2009). Prosocial development from childhood to adolescence: A multi-informant perspective with Canadian and Italian longitudinal studies. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 50, 590–598. DOI: 10.1111/j.1469-7610.2008.02039.x

- Netto, R., & Gomide, P. I. C. (2016). *Programa de comportamento moral na Educação Infantil*. Em: Souza, S. R., Haydu, V. B., & Costa, C. E. Análise do Comportamento Aplicada ao Contexto Educacional. Londrina: EDUEL, v. 4, p. 38-68.
- Oliveira, M. C. M., Costa, J. R. S., & Oliveira, M. M. (2014). Bullying: Análise do comportamento e mudanças de hábitos nas relações entre crianças em uma comunidade escolar. *Extensão em Foco*, (10). DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/ef.v0i10.29915>
- Patias, N. D., Siqueira, A. C., & Dias, A. C. G.. (2012). Bater não educa ninguém! Práticas educativas parentais coercitivas e suas repercussões no contexto escolar. *Educação e Pesquisa*, 38(4).. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022012000400013>.
- Patias, N. D., Siqueira, A. C., & Dias, A. C. G. (2013). Práticas educativas e intervenção com pais: a educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos. *Mudanças. Psicol Saúde*, 21(1), 29-40. DOI: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1019/mud.v21n1p29-40>.
- Polit, D. F., & Hungler, B. P. (1995). Fundamentos de pesquisa em enfermagem. In *Fundamentos de pesquisa em enfermagem*. Artes Médicas.
- Santos, L. C. D. O., Gouveia, R. S. V., Soares, A. K. S., Cavalcanti, T. M., & Gouveia, V. V. (2015). Forms of Bullying Scale: evidências de validade de construto da versão brasileira. *Avaliação Psicológica*, 14(1), 23-31. DOI: 10.15689/ap.2015.1401.03
- Terroso, L. B., Wendt, G. W., Oliveira, M. D. S., & Argimon, I. I. D. L. (2016). Habilidades sociais e bullying em adolescentes. *Temas em Psicologia*, 24(1), 251-259. DOI: 10.9788/TP2016.1-17
- Tsakona, V. (2016). Teaching politeness strategies in the kindergarten: A critical literacy teaching proposal. *Journal of Politeness Research*, 12(1), 27-54. DOI: 10.1515/pr-2015-0022

Watkins, P. C., Scheer, J., Ovnicek, M., & Kolts, R. (2006). The debt of gratitude: dissociating gratitude and indebtedness. *Cognition and Emotion*, 20(2), 217-241. DOI: 10.1080/02699930500172291

APÊNDICE A

ESCALA DE POLIDEZ INFANTIL – EPI

VERSAO PARA PAIS / MÃES

Paula Inez Cunha Gomide

Isadora Ferreira Primo Moreira

O objetivo deste instrumento é avaliar os comportamentos de polidez infanto-juvenis.

Não existem respostas certas ou erradas. Responda cada questão com sinceridade e tranquilidade. Suas informações serão sigilosas. Escolha entre as alternativas abaixo, aquelas que melhor refletem os comportamentos de polidez de seu(ua) filho(a).

I. Identificação da criança

Nome da criança: _____

Sexo: () Feminino () Masculino Série/Ano: _____

Escola: () Pública () Privada Idade: _____

II. Identificação do responsável: () Mãe () Pai () Outro _____

Nome: _____

Escolaridade: _____ Profissão: _____

Responda a Escala abaixo assinalando com um X a alternativa que melhor corresponder ao item avaliado, colocando SEMPRE se o comportamento ocorreu mais de 80% das vezes, ÀS VEZES, se o comportamento ocorreu entre 30 a 70% das vezes e NUNCA, se ocorreu menos de 20% das vezes.

	SEMPRE	ÀS VEZES	NUNCA
1. Expressa cumprimento de formas variadas (“oi”, “e aí”, “bom dia”, “boa tarde”, “boa noite”, “tudo bem?”, “opa”) quando encontra familiares, amigos, professores, colegas.			
2. Despede-se de familiares, amigos, e professores, de formas variadas (“até”, “tchau”, “valeu”, “falou”, “boa aula”, “bom jogo”, “bom trabalho”), ao ir embora ou sair de um local.			

APÊNDICE A

	SEMPRE	ÀS VEZES	NUNCA
3. Pede desculpas de formas variadas (“desculpa”, “foi mal”, “foi sem querer”) a amigos, familiares e professores quando esbarra em alguém, derruba algo, ou comporta-se de forma inadequada.			
4. Agradece familiares, amigos e professores de formas variadas (“obrigado”, “valeu”) quando recebe algo ou tem um pedido atendido.			
5. Pede licença a familiares, amigos e professores para passar, para interromper e falar, para ausentar-se.			
6. Elogia amigos, familiares e professores quando algo lhe agrada, dizendo, por exemplo: “gostei”, “parabéns”, “achei bonito”, “achei legal.”			
7. Pede “por favor” a familiares, amigos e professores quando solicita ajuda.			
8. Expressa cumprimento de formas variadas (“oi”, “e aí”, “bom dia”, “boa tarde”, “tudo bem?”, “opa”) quando é apresentado a alguém desconhecido.			
9. Despede-se de pessoas que acabou de conhecer de formas variadas (“até”, “tchau”, “valeu”, “falou”), ao ir embora ou sair de um local.			
10. Pede desculpas de formas variadas (“desculpa”, “foi mal”, “foi sem querer”) a pessoas desconhecidas quando esbarra em alguém, derruba algo, ou comporta-se de forma inadequada.			
11. Agradece pessoas desconhecidas de formas variadas (“obrigado”, “valeu”) quando recebe algo ou tem um pedido atendido.			
12. Pede licença a pessoas desconhecidas para passar, para interromper e falar, para ausentar-se.			
13. Elogia pessoas pouco próximas (funcionários, atendentes, conhecidos) quando algo lhe agrada, dizendo, por exemplo: “gostei”, “parabéns”, “achei bonito”, “achei legal.”			
14. Pede “por favor” a pessoas desconhecidas ou pouco próximas quando solicita ajuda.			

APÊNDICE B

ESCALA DE POLIDEZ INFANTIL – EPI VERSÃO PARA PROFESSORES

Paula Inez Cunha Gomide

Isadora Ferreira Primo Moreira

O objetivo deste instrumento é avaliar os comportamentos de polidez infantis. Não existem respostas certas ou erradas. Responda cada questão com sinceridade e tranquilidade. Suas informações serão sigilosas. Escolha entre as alternativas abaixo, aquelas que melhor refletem os comportamentos de polidez de seu aluno.

I. Identificação da criança

Nome da criança: _____

Sexo: () Feminino () Masculino Série/Ano: _____

Escola: () Pública () Privada Idade: _____

II. Identificação do responsável

Nome: _____

Escolaridade: _____ Profissão: _____

Responda a Escala abaixo assinalando com um X a alternativa que melhor corresponder ao item avaliado, colocando SEMPRE se o comportamento ocorreu mais de 80% das vezes, ÀS VEZES, se o comportamento ocorreu entre 30 a 70% das vezes e NUNCA, se ocorreu menos de 20% das vezes.

	SEMPRE	ÀS VEZES	NUNCA
1. Expressa cumprimento de formas variadas (“oi”, “e aí”, “bom dia”, “boa tarde”, “boa noite”, “tudo bem?”, “opa”) quando encontra familiares, amigos, professores, colegas.			
2. Despede-se de familiares, amigos, e professores, de formas variadas (“até”, “tchau”, “valeu”, “falou”, “boa aula”, “bom jogo”, “bom trabalho”), ao ir embora ou sair de um local.			

APÊNDICE B

	SEMPRE	ÀS VEZES	NUNCA
3. Pede desculpas de formas variadas (“desculpa”, “foi mal”, “foi sem querer”) a amigos, familiares e professores quando esbarra em alguém, derruba algo, ou comporta-se de forma inadequada.			
4. Agradece familiares, amigos e professores de formas variadas (“obrigado”, “valeu”) quando recebe algo ou tem um pedido atendido.			
5. Pede licença a familiares, amigos e professores para passar, para interromper e falar, para ausentar-se.			
6. Elogia amigos, familiares e professores quando algo lhe agrada, dizendo, por exemplo: “gostei”, “parabéns”, “achei bonito”, “achei legal.”			
7. Pede “por favor” a familiares, amigos e professores quando solicita ajuda.			
8. Expressa cumprimento de formas variadas (“oi”, “e aí”, “bom dia”, “boa tarde”, “tudo bem?”, “opa”) quando é apresentado a alguém desconhecido.			
9. Despede-se de pessoas que acabou de conhecer de formas variadas (“até”, “tchau”, “valeu”, “falou”), ao ir embora ou sair de um local.			
10. Pede desculpas de formas variadas (“desculpa”, “foi mal”, “foi sem querer”) a pessoas desconhecidas quando esbarra em alguém, derruba algo, ou comporta-se de forma inadequada.			
11. Agradece pessoas desconhecidas de formas variadas (“obrigado”, “valeu”) quando recebe algo ou tem um pedido atendido.			
12. Pede licença a pessoas desconhecidas para passar, para interromper e falar, para ausentar-se.			
13. Elogia pessoas pouco próximas (funcionários, atendentes, conhecidos) quando algo lhe agrada, dizendo, por exemplo: “gostei”, “parabéns”, “achei bonito”, “achei legal.”			
14. Pede “por favor” a pessoas desconhecidas ou pouco próximas quando solicita ajuda.			

APÊNDICE C

ESCALA DE POLIDEZ INFANTIL – EPI VERSÃO PARA CRIANÇAS

Paula Inez Cunha Gomide

Isadora Ferreira Primo Moreira

Polidez é quando somos educados ao falar com alguém. O objetivo desta escala é avaliar os seus comportamentos de polidez. Não existem respostas certas ou erradas.

Responda cada questão com sinceridade e tranquilidade. Suas informações serão sigilosas. Obrigado!

I. Identificação:

Seu nome: _____

Sexo: () Feminino () Masculino Série/Ano: _____

Escola: () Pública () Particular Idade: _____

Leia cada situação abaixo e verifique se você se comporta dessa forma SEMPRE, ÀS VEZES ou NUNCA. Marque um X na alternativa.

	SEMPRE	ÀS VEZES	NUNCA
1. Quando chego a um lugar, cumprimento as pessoas que conheço, como familiares, amigos e professores, dizendo, por exemplo: oi, bom dia, boa noite, e aí, tudo bem, opa.			
2. Quando vou embora de algum lugar, me despeço das pessoas conhecidas, como familiares, amigos e professores, dizendo, por exemplo: tchau, até, valeu, falou, bom trabalho, boa aula, bom jogo.			
3. Quando esbarro em familiares, amigos e professores, derrubo algo, ou magoo essas pessoas, peço desculpas, dizendo, por exemplo: desculpa, foi sem querer, foi mal.			
4. Quando familiares, amigos e professores me ajudam com alguma tarefa, ou me fazem um favor, agradeço, dizendo, por exemplo: obrigado, valeu.			
5. Quando preciso passar e não tem espaço, quando preciso interromper alguém para falar, ou sair de um lugar, peço licença para a minha família, amigos e professores.			

APÊNDICE C

	SEMPRE	ÀS VEZES	NUNCA
6. Faço elogios à minha família, amigos e professores quando gosto de algo que essas pessoas fizeram, dizendo, por exemplo: gostei, parabéns, achei bonito, achei legal.			
7. Quando preciso de ajuda, peço por favor para os meus familiares, amigos ou professores.			
8. Quando me apresentam alguém que eu não conhecia, cumprimento essa pessoa, dizendo, por exemplo: oi, bom dia, boa noite, e aí, tudo bem.			
9. Quando vou embora de algum lugar, me despeço de pessoas que acabei de conhecer, dizendo, por exemplo: tchau, até, valeu.			
10. Quando esbarro em pessoas que não conheço, derrubo algo, ou magoo essas pessoas, peço desculpas, dizendo, por exemplo: desculpa, foi sem querer, foi mal.			
11. Quando funcionários, atendentes ou pessoas que não conheço me ajudam em algo ou me fazer um favor, agradeço, dizendo, por exemplo: obrigado, valeu.			
12. Quando preciso passar e não tem espaço, quando preciso interromper alguém para falar, ou sair de um lugar, peço licença para pessoas que não conheço.			
13. Faço elogios à pessoas que não conheço quando gosto de algo que essas pessoas fizeram, dizendo, por exemplo: gostei, parabéns, achei bonito, achei legal.			
14. Quando preciso de ajuda, peço por favor a pessoas que não conheço.			